

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

MARIA GABRIELA MEIRELES FERNANDES
PEDRO HENRIQUE CUNHA SOARES

**MUITO ALÉM DE NORTE A SUL: uma reportagem sobre cotidianos e histórias nos
pontos cardeais da Avenida Paulista**

Produto Jornalístico

Mariana

2022

MARIA GABRIELA MEIRELES FERNANDES

PEDRO HENRIQUE CUNHA SOARES

MUITO ALÉM DE NORTE A SUL: uma reportagem sobre cotidianos e histórias nos pontos cardeais da Avenida Paulista

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Lara Linhalis Guimarães

Mariana

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F363m Fernandes, Maria Gabriela Meireles.

Muito além de norte a sul [manuscrito]: uma reportagem sobre cotidianos e histórias nos pontos cardeais da Avenida Paulista. / Maria Gabriela Meireles Fernandes. Pedro Henrique Cunha Soares. - 2022.

57 f.: il.: color.. + O trabalho contém imagens e prints retirados de outras reportagens, mas que foram devidamente referenciados e que agregaram ao nosso conteúdo..

Orientadora: Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães.

Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Mídia digital. 2. Narrativas digitais. 3. Avenida Paulista (São Paulo, SP). I. Soares, Pedro Henrique Cunha. II. Guimarães, Lara Linhalis. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 070.4(815.6)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Gabriela Meireles Fernandes

Pedro Henrique Cunha Soares

Muito além de norte a sul: uma reportagem sobre cotidianos e histórias nos pontos cardeais da Avenida Paulista

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 04 de novembro de 2022

Membros da banca

Dra. Lara Linhalis Guimarães - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Natália Moura Pacheco Cortez (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dr. Cláudio Rodrigues Coração (Universidade Federal de Ouro Preto)

Lara Linhalis Guimarães, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 15/05/2023



Documento assinado eletronicamente por **Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/05/2023, às 18:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0525313** e o código CRC **E12D26E1**.

Nunca foi tão necessário reafirmar a importância da pesquisa como nos dias de hoje. Por isso, dedicamos esse trabalho à Universidade pública que resiste na luta de garantir educação gratuita e de qualidade.

À minha mãe, por ser a mulher mais corajosa que já conheci. Ao meu pai, por sempre acreditar que tudo daria certo no final. E não é que ele acertou?

À Raissa, pelas grandes oportunidades dadas a mim. O tanto que eu aprendi com você me renderia uma segunda graduação.

À Regiane e Lívia, grandes amigas que fiz ao longo da graduação, pelas incansáveis orações e pela fé encantadora que carregam.

Ao Pedro, por ser uma extensão de mim. Obrigada, meu amigo.

Ao André, pelo amor sincero, acolhedor e gentil. Estar ao seu lado é como viver numa eterna primavera.

Aos meus amigos e familiares que foram peças fundamentais nessa travessia. Chegamos!

Em nome de Maria

Há, por trás de cada conquista, muito amor e apoio envolvido. Nossos voos são possíveis porque sabemos onde aterrissar. Agradeço a minha família por todo suporte e afeto, que nunca foi pouco. Mãe, pai, irmão, avós, tios, primos, cunhada, afilhados: eu amo amar vocês! Agradeço aos amigos que trouxe pra cá e aos encontrei nesta caminhada, em especial a minha casa, República Mocambos.

Amor e cuidado costumam deixar tudo mais fácil, por isso, quero agradecer a pessoa que também dividiu essas aflições comigo: Hiago.

Da fila da matrícula, em 2018, até aqui. Sempre juntos. Obrigado, Maria.

Em nome de Pedro

Huguinho, você foi essencial para que toda essa viagem, literalmente, acontecesse. Obrigado! Querida Lara, obrigado por todas as trocas. Você foi fundamental no produto que apresentamos e mais ainda, nos profissionais que nos tornamos.

Essa dupla que vos escreve, também é um trio de muito amor. Cecília, estamos com saudade.

À UFOP, pelo ensino público de qualidade.

Em nosso nome

“A emoção não desqualifica nem torna menos crível a narrativa jornalística”

Fabiana Moraes

RESUMO

Desvendar a Avenida Paulista de leste a oeste e encontrar as narrativas dos sujeitos que ali habitam. Sob essa perspectiva, dá-se início a este trabalho que tem o propósito de percorrer cada quilômetro de uma das avenidas mais importantes do país para além de seus centros financeiros, econômicos e culturais. Partindo dessa premissa, buscamos fugir da centralidade de norte a sul e voltar as lentes para as bordas da Avenida, como os pontos leste e oeste. Nas margens estão presentes espaços de sociabilidades riquíssimos em narrativas, comportamentos, singularidades e, claro, sujeitos, os atores principais deste trabalho. Nos poucos mais de 2 km da Paulista, reunimos momentos, encontros e atores completamente distintos mas que, numa brilhante contrariedade, habitam o mesmo universo e os nossos personagens terão suas histórias de vidas entrelaçadas num mero cotidiano paulista. Por meio de uma reportagem com inspiração transmídia, os sujeitos ganham seus contornos e as rotas da Avenida são traçadas. Com a ascensão do novo jornalismo e das inúmeras possibilidades de se contar uma história, esse memorial abarca no jornalismo digital e nas diversas linguagens e recursos transmidiáticos disponíveis, como o uso de imagens, vídeos, sons, infográficos, interatividade, hiperlinks e todo e qualquer instrumento capaz de construir realidades para além do jornalismo.

Palavras-chave: Avenida Paulista; narrativas; meios digitais; sujeitos.

ABSTRACT

Unravel Avenida Paulista from east to west and find the narratives of the subjects who live there. From this point of view, the purpose of this work is to travel a kilometer from the perspective of the most important avenues beyond its financial, economic and cultural centers. Based on this premise, we seek to escape the centrality from north to south and turn the lens to the edges of the Avenue, such as points and west. In the margins are present spaces of sociability rich in narratives, behaviors, singularities and, of course, subjects, the main ones of this work. In the few more than 2 km from Paulista, we gather completely different but everyday encounters and actors who, in a brilliant contradiction, inhabit the same universe and our characters will have their life stories intertwined in a mere paulista. Through a report with transmedia inspiration, the subjects, their contours and the routes of the Avenue are traced. With the rise of new journalism and the countless possibilities of telling a story, this memorial encompasses digital journalism and the various transmedia languages, such as the use of images, videos, available information, hyperlinks and any instrument capable of building realities. beyond journalism.

Keywords: Avenida Paulista; narratives; digital media; subjects.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 - Inauguração da Avenida Paulista	10
FIGURA 2 - Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, e primeiro shopping da América Latina, foi uma das primeiras construções da avenida a fugir dos padrões das mansões dos barões de café	10
FIGURA 3 - Milton, Cícero e Amaro, os integrantes do Chocolatito do Forró, tocam músicas típicas do Nordeste e se apresentam na Paulista Aberta, aos domingos	12
FIGURA 4 - Arte urbana nas ruas da Avenida Paulista, que ganham espaço nos seus muros, postes e edifícios	12
FIGURA 5 - Pessoas em situação de rua ganham os corredores da Paulista e tornam-se invisíveis mesmo em meio a tantos olhares	13
FIGURA 6 - Artistas de rua compartilham a Avenida e usam do local para divulgar sua arte e o seu trabalho	14
FIGURAS 7, 8 e 9 - Capturas de tela da reportagem “Muito além de norte a sul” para exemplificar a característica transmídia de interatividade. Recurso que o leitor pode clicar e/ou navegar como bem entender	32
FIGURAS 10 e 11 - Capturas de tela da reportagem “Muito além de norte a sul” para exemplificar a característica transmídia de multimedialidade integrada. Fotos e textos complementares	33
FIGURA 12 - Áudio portrait retirado da reportagem “Treasured Island. The people of Tangier fear their life, land and heritage could wash away” da Al Jazeera	18
FIGURA 13 - Print da reportagem “A Batalha de Belo Monte”, da Folha de São Paulo, na qual retrata o Folhacóptero, um recurso expressivo que simula um sobrevoo em forma de game, com a demarcação dos pontos geográficos para interação com o leitor	20
FIGURAS 14 e 15 - Logotipo (Figura 14) e símbolo que usamos em alguns vídeos (Figura 15)	24

1. INTRODUÇÃO	10
2. OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A AVENIDA PAULISTA	15
3. ASPIRAÇÃO TRANSMÍDIA	21
3.1. INTERATIVIDADE E HIPERTEXTUALIDADE	27
3.2. MULTIMEDIALIDADE INTEGRADA	32
3.3. CONTEXTUALIZAÇÃO	33
3.4. TRANSMÍDIA X MULTIMÍDIA	34
3.5. EXEMPLOS DE RECURSOS TRANSMIDIÁTICOS	36
4. PRODUTO FINAL	39
4.1. DIÁRIO DE CAMPO	40
4.2. SOBRE O SITE	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

1. Introdução¹

A Avenida Paulista é um dos maiores palcos políticos da cidade de São Paulo, do Brasil e também do mundo. É a cidade-movimento celeiro de inúmeras manifestações artísticas e culturais. Entretanto, existe uma Paulista que nem todo mundo conhece. Cada quilômetro dentre os 2,8 km da Avenida contam uma história, e são elas que queremos.

A Paulista está no limite entre as zonas Centro-Sul, Central e Oeste; e em uma das regiões mais elevadas da cidade, chamada de Espigão da Paulista. Localizada no Bairro Bela Vista, o percurso vai da Rua Treze de Maio à Rua da Consolação e é cortado por outras ruas famosas da cidade, como a Bela Cintra, Haddock Lobo, Rua Augusta e Frei Caneca, além de estar pertinho da Avenida Nove de Julho. Além disso, é um bom resumo da cidade de São Paulo. Ela é viva, pulsante e está sempre em transformação.

Falar da Paulista é também provocar uma porção de histórias e sujeitos que compartilham de um cotidiano semelhante, com olhares e juízos distintos. Mas, por que documentar a Avenida? Ao debatermos sobre qual seria o tema da nossa pesquisa, optamos por escolher uma temática que envolvesse pessoas. Muito antes da carne, também somos alma e coração, portanto, ter a oportunidade de explorar o lado da escuta jornalística nos fascina. Esse âmbito do jornalismo sempre nos encheu os olhos e poder presenciar histórias é a grande motivação que nos levou até a Avenida Paulista. E então, decidido que iríamos lidar com os sujeitos de suas histórias, nos restou ir em busca de uma paisagem para dar vida e cor à nossa obra. Por ser um local de todas as cores, habitado por uma diversidade de corpos, escolhemos a Avenida para ser o palco dos nossos atores.

A Paulista nos traz encantamento, fascínio e mistério. Como não ser seduzido pelos processos criativos existentes em cada história garimpada naquela extensão de asfalto? Quantas histórias de amor podem ter nascido naquele lugar? Será que Criolo estava certo ao compor a letra “Não existe amor em SP”? Fomos atraídos pela singularidade única que, ao mesmo tempo, vai ao encontro da numerosidade de formas, gestos, olhares e facetas que rodeiam a Avenida Paulista

Além de carregarmos um afeto pelo espaço, por tudo que nela habita e pelo que ela representa para o país, o nosso objetivo é, também, tensionar um imaginário sobre a Paulista construído, majoritariamente, a partir de imagens de “novelas das 21h”. Será mesmo que a

¹ A reportagem completa desse trabalho pode ser encontrada através do link: <<https://muitoalemdenorteasul.wixsite.com/muitoalemdenorteasul>>

avenida é apenas o que testemunhamos nas dramaturgias? Quem são os verdadeiros integrantes desse coletivo repleto de individuais?

Quanto ao formato, falar da Avenida Paulista é também visualizar seus contornos, suas luzes e, claro, seus habitantes, nossos protagonistas. Para isso, registramos por meio de uma reportagem com inspiração transmídia os cotidianos dos nossos sujeitos. Seus traumas e sonhos estampados em cada marca de seu rosto, o que existe por trás de cada indumentária, seus locais de trabalho, a forma como se comportam e como expressam suas histórias. Documentamos do nascer do sol ao anoitecer muitas das esquinas e vielas, com as lentes focadas em personagens que irão compor nossa reportagem e dar a ela, quem sabe, início, meio e finais inesperados.

Para isso, é importante nos ancorarmos em conceitos e referências fundamentais no jornalismo que embasaram nossas discussões teóricas até aqui, como por exemplo, as noções de sociabilidade, jornalismo subjetivo e jornalismo literário.

A princípio, escolhemos a Avenida Paulista por ser um lugar repleto de atores sociais e, portanto, nos apoiamos nos estudos do sociólogo alemão Georg Simmel para compreendermos os processos de sociabilidade e sociação no espaço urbano. Para o autor, o conceito de sociação pode ser entendido como as mais diversas formas de relações existentes entre os seres sociais, que interagem entre si de acordo com os seus interesses e gostos. A interação, por sua vez, é motivada por diversos fatores, como instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação. Tais situações fazem com que “o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros” (SIMMEL, 2006, p. 59-60).

A respeito do conceito de sociabilidade, Simmel (2006, p. 65) compara o termo com um mundo artificial no qual um “faz de conta” torna-se fundamental para o equilíbrio das relações, de modo a evitar desavenças e fazer com que a interação seja mútua e gentil. Para o autor, portanto, a sociabilidade que foge dos atritos é uma possível solução para diversos problemas da nossa sociedade; a sociabilidade flui, para ele, quando nossos interesses deixam de ser o centro das atenções e perdem a importância. Contudo, Simmel afirma que mesmo sendo negativas as relações superficiais, ainda sim há benefícios na sociabilidade rasa; ela te livra das pressões sociais dos indivíduos e deixam a vida mais leve e agradável.

Na Paulista, por sua vez, os espaços de sociabilidade são tomados pelas interações

efêmeras e banais, tudo acontece ao mesmo tempo e, no fim, não sobra tempo pra nada. O adolescente que passa de skate, o ciclista que pedala, o vendedor que grita, o ônibus que para, o sinal que abre, o museu que fecha. Não há tempo e desejo em olhar para o lado, em enxergar o outro; vivem em um manual de instruções que os impede de ver, sentir, de, efetivamente, viver a Paulista.

A partir de uma reflexão mais densa sobre sociabilidades e as relações dos sujeitos e espaços, também faz-se necessário discutirmos a posição da prática jornalística no que entendemos por subjetividade. De acordo com a jornalista e escritora Fabiana Moraes, em seu artigo “Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral”, entende-se que o conceito de jornalismo subjetivo não vem de encontro a objetividade do jornalismo tradicional, e sim, para ressaltar a necessidade do estudo subjetivo no trabalho jornalístico. Para ela, “essa negação da subjetividade não é algo que compete especificamente ao jornalismo, mas sim a um discurso maior, que modaliza a ciência, as relações sociais, o conhecimento”. (MORAES, 2019, p. 207)

Moraes (2019) explica, historicamente, que a ideia de subjetividade, por muito tempo, foi entendida como fraqueza, visto que está diretamente ligada à emoção e, por conseguinte, a falta de rigor. No texto, ela explica que a razão - na filosofia, “logos” - deveria ser o fio condutor do mundo, enquanto a emoção (do grego, páthos), era vista como algo negativo e pejorativo. Por exemplo, dele originou-se o termo patético, empregado, nos dias atuais, em sentido mais pejorativo do que positivo, como algo ligado ao melodrama. (Ibidem, p. 21, apud Moraes, 2019, p. 208). No campo do jornalismo, portanto, tem-se a ideia de que essa maleabilidade ou falta de rigor afeta um dos princípios do jornalismo, que é a racionalidade.

Entretanto, pensar aqui sobre subjetividade não está, de forma alguma, ligado ao sensacionalismo da notícia, pelo contrário, como afirma a escritora Cremilda Medina (1986), a emoção – aquilo que surge nos encontros – “não desqualifica nem torna menos crível a narrativa jornalística”. (apud MORAES, 2019, p. 209).

Por fim, levando em consideração o tema e as histórias deste trabalho de conclusão de curso, vale reafirmar que a subjetividade a qual nos referimos, se situa em critérios também objetivos, como na urgência em se pautar (e questionar) as distinções de classe, gênero, espaço geográfico, questões raciais e grupais, além de levar em conta toda a estrutura social brasileira, com todas as suas especificidades, que se condicionam pelo classicismo, heteronormatividades e privilégios sociais. Também estamos nos apoiando em um jornalismo

de subjetividade que surge com a inquietação de um olhar cuidadoso sobre os sujeitos e as questões traduzidas em seu corpo, que implica, diretamente, em uma autocrítica do próprio campo jornalístico e em produções que contam uma história por um enquadramento meramente objetivo.

Assim, orientar pautas, abordagens, escritas e enquadramentos com esses pressupostos não significa estar com os sentidos embotados pela emoção: ao contrário, significa estar também guiado por critérios dados no mundo sensível. Ou devemos ignorar o meio no qual vivemos e do qual extraímos nossas temáticas? (MORAES, 2019, p. 209)

Assim como dito por Fabiana Moraes, “a subjetividade não pode ser entendida como algo meramente interno, pessoal, do campo da vida privada – a subjetividade é também formada por um ambiente histórico dado, objetivo”. Dessa forma, como apresentado pela autora e também como acreditamos para a construção desses jornalismo possíveis, o subjetivo é tão necessário quanto o objetivo para a existência do propagado “bom jornalismo”.

Outra lente de pesquisa que também nos alicerçou é o jornalismo literário que, segundo a obra de Felipe Pena, já acompanha a produção jornalística desde o século XVIII e XIX. No texto “O jornalismo literário como gênero e conceito”, é possível compreender que essa conceituação busca potencializar recursos do jornalismo tradicional, e aplicá-los na construção de novos materiais jornalísticos. O autor descreve essas características em sete tópicos, que ele chama de “estrela de sete pontas”. Primeiro, o jornalista literário não ignora as técnicas que aprendeu no jornalismo diário, e sim, desenvolve, a partir delas, uma nova maneira estratégica de produção da notícia. A segunda ponta da estrela recomenda ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, ou seja, rompe com as ideias de periodicidade e atualidade, e abre espaço para uma visão ampla da realidade, que é a terceira característica sugerida. Além disso, o autor também destaca, não necessariamente nessa ordem, a importância de exercer plenamente a cidadania, que vem com o rompimento das correntes burocráticas do lide - conceito usado no jornalismo -, além de evitar os definidores primários, que são os famosos entrevistados de plantão, aqueles sujeitos que costumam aparecer em diversas entrevistas, justamente por ocupar algum cargo público ou função específica. E todas essas características levam a sétima ponta, que é a primordial delas, a garantia da perenidade e profundidade aos relatos, facilitado pela inexistência do deadline - prazo de entrega. (PENA, 2005, p. 49)

O jornalismo literário está presente em quase toda a idealização deste trabalho, tanto por uma metodologia de trabalho, quanto pelas características de escrita do produto. Geralmente, não há tempo no jornalismo diário, tradicional, o que acaba impossibilitando buscar toda a subjetividade necessária para o que queríamos tratar aqui. Na reportagem “Muito além de norte a sul”, optamos por criar alternativas, ouvir o cidadão comum, preencher as lacunas, abordar os pontos de vista que não são abordados. Esse é o motivo pelo qual esse trabalho foi idealizado. Assim como escreve Felipe Pena, o objetivo aqui é a permanência e a imersão, como as biografias e os perfis jornalísticos presentes neste trabalho.

Nosso desejo era conhecer a Avenida Paulista em seus quatro pontos cardeais, com enfoque nas redondezas do objeto, fugindo de uma centralidade narrativa da avenida e focar mais no que está à margem dos olhos, como os pontos leste e oeste. Por qual motivo falar desses pontos? Quais as peculiaridades que eles escondem (ou revelam!) que tanto nos chamam atenção? Nas bordas também existem os espaços e as pessoas, além de um rico corredor cultural considerado obscuro que retrata grande parte da história de São Paulo e, por que não, do Brasil. Vamos trazer manifestações comportamentais, as mais diversas formas de vida e de protesto que cercam a maior cidade do país.

Nesse espaço de sociabilidade, encontramos personagens completamente distintos, mas que, numa brilhante contrariedade, se conectam para além do mesmo espaço geográfico em que estão inseridos. A narrativa inicia-se por viver uma das avenidas mais famosas do mundo por olhos que podem vê-la de outra maneira. Buscamos compreender, voltados para o tema dos sujeitos nas margens da Avenida Paulista, como indivíduos tão diversos, marcados pelas suas singularidades, encontram-se numa mesma atmosfera e dividem o mesmo espaço social.

Partimos para São Paulo e lá ficamos entre os dias 21 a 25 de abril em trabalho de campo, como parte das estratégias de pesquisa. A expectativa era de nos sensibilizarmos com histórias reais, de pessoas que fazem parte do universo da Paulista. Podemos resumir a avenida como um lugar de encontros e celebrações, que abriga todas as “tribos” em quase três quilômetros de extensão. De igrejas a faculdades, museus a restaurantes, bares a praças, o nosso propósito é unir memórias (do passado e do presente!) de sujeitos de diferentes idades, costumes, opiniões, raças e gêneros, que, por algum acaso, estão reunidos em um mesmo espaço (um restaurante japonês? um teatro? casa de show? um barzinho?) e terão suas histórias entrelaçadas num mero cotidiano paulista. Buscamos descobrir o que as levou até

ali, o que há por trás de seus comportamentos e estilos de vida. Um espaço urbano e tão plural que acolhe, do nascer do sol às intermináveis madrugadas, casos e contos que nos renderam uma grande reportagem, com fatos reais, despreziosos e sem roteiro.

A nossa intenção, dentro dessa reportagem, é criar um ambiente com aspirações no campo do jornalismo transmídia que possibilite uma imersão na história por vários conteúdos complementares. O nosso produto busca criar um espaço de pesquisa, no qual as pessoas possam navegar na atmosfera da Avenida Paulista sem sair de casa, com conteúdos expositivos, imagens, vídeos, paisagens sonoras, ambientações, narrativas e interatividade.

2. Os múltiplos olhares sobre a Avenida Paulista

Estudar a Avenida Paulista é também estudar a sua história, seus antepassados, seus meridianos e todas as memórias que compõem os 2,8 km da avenida mais famosa do país. Por isso, buscamos nos inspirar em uma heterogeneidade de perspectivas sobre a Paulista; os mais variados autores, filmes, reportagens, enquadramentos e tudo aquilo que possa dialogar com o nosso objeto de estudo.

Para costurar olhares e criar narrativas que evoquem os sujeitos e as histórias que ali existem, é essencial ilustrar a cronografia da avenida que a faz ser o que é hoje. Estudando a reportagem especial do site 360meridianos², que constrói uma sobre a Paulista, a avenida, inaugurada em 1891, sempre esteve em expansão e servia para a passagem de boiadas a caminho do matadouro. Nessa época, lá haviam chácaras, cachoeiras e casebres. Ao longo do século e com o objetivo de urbanizar o local, a Avenida Paulista tornou-se palco de grandes casas de famílias europeias, sendo a primeira via de São Paulo a ser asfaltada em 1901 e virar uma avenida comercial e residencial. Edifícios, sede de bancos, empresas internacionais, museus e centros culturais estabeleceram o urbano e o eclético que lá existe.

A jornalista Gaia Passarelli, ao nos apresentar essa reportagem, retrata uma avenida criada para ser área rural que transformou-se num símbolo cultural, financeiro, político e econômico do país, expondo suas multiplicidades de personagens e histórias por trás de cada salto de desenvolvimento, o que por sua vez vai ao encontro do nosso objeto de estudo,

² Disponível em <<https://www.360meridianos.com/especial/historia-da-avenida-paulista>>
Acesso em 15 out. 2021

revelando todos os contornos que a avenida adquiriu para ser hoje esse imenso espaço de sociabilidade.



Figura 1: Inauguração da Avenida Paulista.
Fonte: JULES VICTOR ANDRÉ MARTIN, 2018.

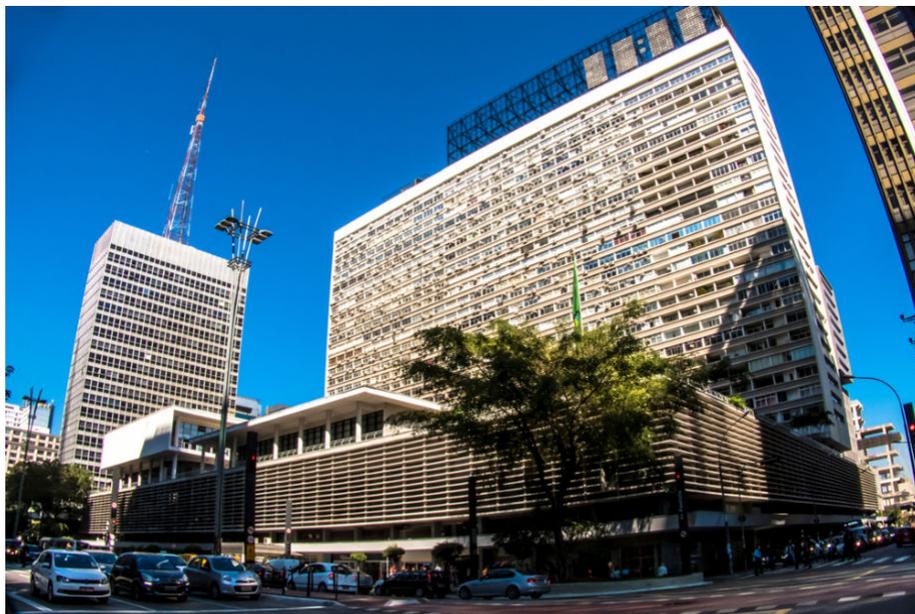


Figura 2: O Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, foi o primeiro shopping da América Latina e uma das primeiras construções da avenida a fugir dos padrões das mansões dos barões de café
Fonte: ALF RIBEIRO, 2022.

A TV Gazeta, sediada na cidade de São Paulo, em 2015, lançou uma série sobre a Avenida Paulista,³ onde uma repórter percorria os trajetos e os principais pontos turísticos do local a fim de desvendá-lo para o leitor. A apresentadora, Bárbara Fava, mostra a avenida como lugar múltiplo, o qual agradaria todos os gostos e públicos. De grafite em homenagem a Oscar Niemeyer a painéis de bronze que contam a história da medicina; de artistas de rua a jovens estudantes que vão para a Paulista em busca de crescimento profissional; a série fotografa também os sujeitos que ali habitam. Nas diversas entrevistas concedidas à TV Gazeta, ouvimos que a Paulista se transforma ao anoitecer, mudando de frequência para um lugar badalado e que acolhe todas as classes, configurando-se como um espaço misto e democrático.

Já o Jornal O Globo nos presenteou com uma mini reportagem audiovisual de um passeio pelos principais pontos turísticos da Paulista em um dia de domingo⁴, considerando a avenida como a mais célebre de São Paulo e como um espaço relevante de cultura e lazer. Para ilustrar o local, foram filmados centros culturais, artistas de rua (desde jovens cantando rock e tocando bateria a um senhor que dubla sucessos da velha guarda), aulas de dança, bandas de axé, skatistas, feira de antiguidades e até inventor de brinquedos mágicos. O vídeo nos trouxe também a realidade de São Paulo, que abriga cerca de 20 mil pessoas vivendo em situação de rua, sendo grande parte delas na Avenida Paulista, em um contraste com paredes grafadas onde encontramos os dizeres “Existe amor em SP”.

³ Episódio de estreia de Avenida Paulista, uma série da TV Gazeta sobre a avenida mais famosa de São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OcWR-YQGzo>>. Acesso em: 30 set 2021

⁴ Documentário “Como é um domingo de lazer na Avenida Paulista”, sobre os pontos culturais da Avenida Paulista, do Jornal O Globo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1oaHauOKMnY>> Acesso em: 30 set 2021



Figura 3: Milton, Cícero e Amaro, os integrantes do Chocolatito do Forró, tocam músicas típicas do Nordeste e se apresentam na Paulista Aberta, aos domingos.

Fonte: JORNAL O GLOBO, 2018.

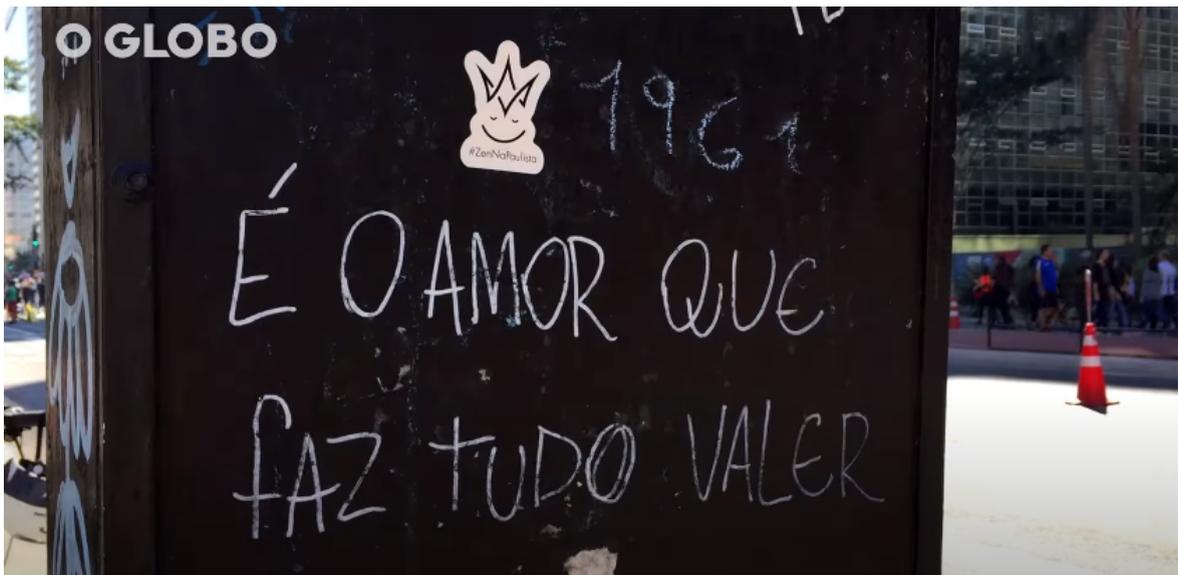


Figura 4: Arte urbana nas ruas da Avenida Paulista que ganha espaço nos seus muros, postes e edifícios.

Fonte: JORNAL O GLOBO, 2018.



Figura 5: Pessoas em situação de rua ganham os corredores da Paulista e tornam-se invisíveis mesmo em meio a tantos olhares.

Fonte: JORNAL O GLOBO, 2018.

Nossos olhares se cruzaram também com o artigo de PANIZA (2020), “Avenida Paulista: de poucos a todos”, no qual o autor nos apresenta um registro fotográfico pessoal de um fim de tarde na Paulista, com o céu limpo e uma boa quantidade de carros. Paniza nos traz a afirmação de que a avenida foi tornando-se um lugar mais “de todos” e menos “de poucos”, com novas configurações familiares e classes sociais, diferentes tipos de culturas advinda das ruas e museus, além de ser uma avenida que, segundo ele, mais representa o país: está a todo momento se transformando e se reorganizando, tendo seus agentes como os principais responsáveis por cada metamorfose.

A dissertação do psicólogo Tiago Rodrigo Marin (2011), “A cidade na Avenida: A poética urbana da Avenida Paulista pelo olhar dos artistas que nela trabalham”, nos traz a Paulista aos finais de semana e principalmente aos domingos, quando fica aberta para os pedestres e então seus personagens tomam forma. Para o autor, os casais ganham visibilidade, o clima torna-se mais descontraído e os artistas ganham os holofotes. Poetas, músicos e capoeiristas. Quadros e fotografias, carros antigos, animais, natureza e propagandas antigas dividem lugar com baladas românticas e rock nacional, sirenes e buzinas, vozes e marcas de cervejas e refrigerantes. Percebemos em Marin uma Paulista diversa, palco de manifestações e lutas, onde crianças correm atrás de cachorros, idosos contam suas histórias e casais gays andam de mãos dadas. Contudo, o autor traz uma reflexão importante acerca de tal diversidade: para ele, devido ao excessivo policiamento existente na avenida e a grande

possibilidade de confrontos e desavenças que ali podem surgir, o espaço vive em uma harmonia e diversidade utópicas, de tal forma que a desconfiança e a vontade de viver em igualdade permeiam aquele lugar, mas a diversidade, de fato, ainda não encontrou uma forma plena para se expressar.

No documentário “Paulista aberta pelas pessoas”⁵, de Diego Monteiro, publicado em 2016, é explorado o primeiro aniversário da Paulista Aberta⁶ e o impacto na vida das pessoas e da cidade. Na obra, a avenida é retratada como um espaço de luta popular no que diz respeito ao uso do espaço público, mobilidade urbana e sustentabilidade. Podemos perceber uma Paulista aberta a novas formas de se pensar o lugar, de modo a representar o coração de São Paulo e, concomitantemente, ser um lugar de convívio harmônico e conflito de profissões. Entrevistado no documentário, o ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, menciona os estudos que foram realizados nas imediações da Paulista para poder abri-la para pedestres, ciclistas e afins, de modo a demonstrar a importância do poder público frente às necessidades e desejos de uma população.

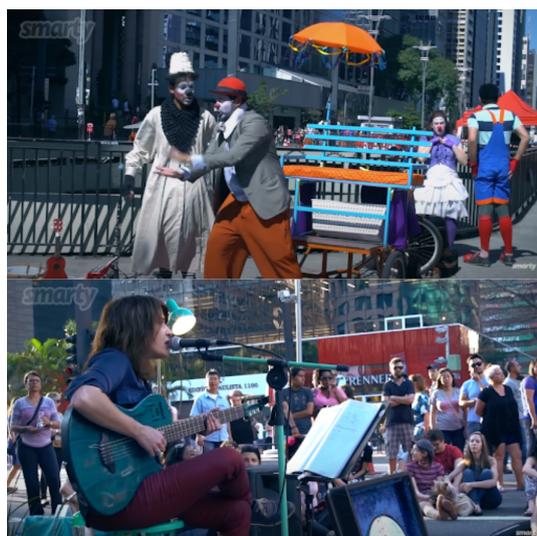


Figura 6: Artistas de rua compartilham a Avenida e usam do local para divulgar sua arte e o seu trabalho.
Fonte: JORNAL O GLOBO, 2018.

Falar da Paulista é falar também de multiterritorialidade. Portanto, embarcamos na obra de Viviane Shibaki e Eduardo Stefani (2010), denominada “Atrativo Turístico e

⁵ O documentário explora o primeiro aniversário da Paulista Aberta, em São Paulo, e analisa seu impacto na vida da cidade. Produzido pelo canal Smarty Talks (<www.smartyvideos.com>). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z108obS-3yg>. Acesso em 30 set 2021.

⁶ A Paulista Aberta é um movimento de interditar o trânsito da Avenida Paulista aos domingos e feriados, para acesso da população, ciclistas, skatistas e outros. Disponível em: <https://www.paulistaaberta.minhasampa.org.br/#block-671>. Acesso em 30 set 2021.

Centralidade Cultural: a Territorialidade da Avenida Paulista” , e encontramos uma avenida que vai do capital financeiro aos cinemas, de exposições de artes a hospitais, com todos esses elementos levando o lugar a receber, em 1991, o título de símbolo de São Paulo por campanhas publicitárias realizadas por veículos de comunicação. A múltipla e heterogênea Avenida Paulista é tratada como um ponto de convergência, com o agrupamento de atividades especializadas e complexas, de modo a trazer um adensamento e um dinamismo à sua multifuncionalidade.

Por fim, “A arte como trabalho na Avenida Paulista”, de Tiago Rodrigo Marin , Elisa Maluf e Tatiana Freitas (2011), nos apresenta um desdobramento sobre a ressignificação da rua para os seus artistas e o modo como eles desenvolvem as suas atividades. O termo rua é muito abordado e nos traz vários conceitos e interpretações: a rua em seus aspectos geométricos e matemáticos, mas também em seus modos simples; a rua como símbolo do exterior, como estatística de assassinatos e roubos de carro; como ideia de selvageria, solidão e abandono, mas sendo também um espaço de sociabilidade, encontro e amizades, trazendo intimidade e magia.

Na reportagem que propomos aqui, para este trabalho de conclusão de curso, queremos justamente reunir essas mudanças e esses sujeitos que transmutam pelo espaço, assim como compreender quais são seus comportamentos e suas histórias. Por meio dos documentários, artigos e reportagens que aprofundamos, descobrimos, assim como um disco de vinil, o lado A e o lado B de cada personalidade que habita do Paraíso à Consolação, respectivamente, bairros onde a Avenida começa e termina. Queremos reunir histórias escondidas por trás de cada rosto pintado, sanfona tocada e melodia criada.

Aqui encontramos uma de nossas realizações enquanto profissionais: nos colocamos como sujeitos transformadores, na busca de trazer dignidade ao outro. O jornalismo nos permite conhecer e abordar narrativas com um olhar sensível e especializado, a fim de devolver à sociedade o compromisso com a verdade e vida. E é esse compromisso, atrelado à tecnologia, que nos impulsiona a contar essas histórias.

3. Aspiração transmídia

É incontestável que muito se evoluiu sobre as possibilidades do jornalismo com a chegada da web e das novas tecnologias, seja por aspectos técnicos, seja por mentalidade. Assim como exposto na obra de Cavalcanti (2013), o jornalismo praticado nos meios digitais

se adaptou ao espaço tecnológico, vindo a se tornar um instrumento profissional para a construção das notícias e histórias. Com os novos recursos cibernéticos, a periodicidade e o limite da notícia no papel, abre espaço para o alcance e interatividade dos meios digitais. É importante reconhecer que toda a forma de consumo desse material ainda possui restrição a uma parcela das pessoas (considerando a desigualdade social e disparidade do poder aquisitivo), mas também compreende-se uma crescente democratização da internet com políticas públicas de inclusão digital, visto que se tornou atemporal e indispensável.

(...) A internet enquanto meio de comunicação desempenha papel fundamental na sociedade pós-moderna não apenas pelo seu alcance global, mas por suas características dialógicas. Ao contrário da televisão, jornais, revistas e rádio, que possuem uma série de limitações advindas de suas concepções como tecnologia, a internet abre toda uma gama de novas possibilidades para a participação do leitor e disseminação da notícia. (CAVALCANTI, 2013, p.12)

Não só com os novos portais de comunicação ou a readequação digital de um jornal tradicional, mas também com as novas experiências das redes sociais, percebe-se uma crescente das práticas jornalísticas, de modo a criar “novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela” (CASTELLS, 2011, p. 22 apud CAVALCANTI, 2013, p. 13). Isso se solidifica no argumento de que as redes sociais produzem conteúdos, em sua grande maioria, públicos, de todos para todos. De acordo com o texto de Cavalcanti, o conteúdo fica, na maioria dos casos, disponível para o acesso universal. Assim, o nível de compartilhamento e produção de informações tende a crescer exponencialmente, criando novas comunidades, que vão além dos círculos sociais estabelecidos no território físico. “Estudar o jornalismo praticado na Web atualmente pressupõe não somente conhecer o contexto no qual está inserido, mas entender o ambiente online no qual ele se desenvolve” (CAVALCANTI, 2013).

“De certa forma, o conceito de jornalismo encontra-se relacionado com o suporte técnico e com o meio que permite a difusão das notícias.” (Murad, 1999, p. 4). De acordo com o autor, atrelar os conhecimentos adquiridos na história do jornalismo com as inúmeras potencialidades da internet, pode elevar o seu processo de trabalho, com mais interatividade e dinamicidade de conteúdo.

Personificar o consumo das notícias ao público também faz-se necessário. No jornalismo digital, segundo a obra supracitada, “(...) a figura do público como uma massa passiva dá lugar a uma audiência participativa. Nesse sentido, as redes sociais da internet vêm

desempenhando um importante papel na redefinição da atividade jornalística.” (2013, p. 37). Ou seja, ao aumentar a participação do público, elas acabam por modificar as relações previamente existentes entre público, jornalista e veículo. (CAVALCANTI, 2013).

As Redes Sociais (também nominadas na obra como Redes Sociais da Internet - RSIs) são marcos de um novo formato jornalístico e uma nova ideia de consumo de informação. No presente, é comum encontrar pessoas que consomem conteúdo noticioso exclusivamente pelas redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Youtube, etc) e, de acordo com Ivo Dantas e Heitor Rocha (2013), “ao facilitar as trocas simbólicas entre as pessoas, as redes sociais da internet acabam por redefinir a comunicação online”. É importante destacar que avançamos em recursos e possibilidades, o que não anula, por si só, os princípios básicos do jornalismo de qualidade. As redes sociais inovaram as formas de produção e compartilhamentos de conteúdos, mas sempre será função do profissional capacitado utilizá-las ao seu favor.

Com o surgimento desses novos conteúdos narrativos e expressivos no jornalismo, a reportagem transmídia ganhou espaço, impulsionada graças aos diversos recursos midiáticos que surgiram ao longo dos anos. Portanto, nada mais justo do que apresentarmos o seu conceito e os diferentes formatos em que ela se apresenta.

Para garantir o entendimento do que são essas novas narrativas transmídias, é necessário compreender o conceito de convergência. Segundo Porto-Renó et al (2011), na obra “Narrativas transmídia: diversidade social, discursiva e comunicacional”, a cultura da convergência propõe ao marketing contemporâneo o desafio constante de um planejamento transmídia.

Ou seja, é preciso findar a ideia de como as marcas podem contar histórias em diferentes plataformas, criando assim novos produtos de entretenimento. Estes, por sua vez, sofrem alterações resultantes de uma participação do receptor que lhes permite criar uma nova realidade na medida em que atua diretamente nela. Tais mídias, tais produtos e elementos implicam em novas maneiras de contar histórias, e alteram assim nossa maneira de divertir, trabalhar e educar. (PORTO-RENÓ et al, 2011)

Toda essa discussão sobre os novos formatos jornalísticos e suas adaptações aos meios digitais levanta o questionamento sobre a produção das “velhas e novas mídias” no mundo da convergência. Para Jenkins (2009), na cultura da convergência, “as velhas e novas mídias colidem, a mídia corporativa e a mídia alternativa cruzam-se e interagem os poderes do produtor e do consumidor”. Dessa forma, pensando junto a PORTO-RENÓ (et al, 2011), a convergência se dá pela afluência de todos esses meios de comunicação, pelo fluxo de

conteúdos através de distintas plataformas midiáticas e pela migração do público para as diferentes opções disponíveis, levando em conta as necessidades, o interesse, a disponibilidade e o tempo de acesso de cada um. Há, também, envolvendo essa cultura da convergência, segundo Levy (2004) um acirramento do conceito de inteligência coletiva, em que o conhecimento de determinado assunto é construído a partir do envolvimento das muitas partes presentes no processo de comunicação. (apud PORTO-RENÓ, et al, 2011)

A cultura da convergência também abarca as características de compartilhamento e de cultura participativa, de acordo com Denis Porto-Renó e outros (2011). A primeira define que “um só receptor vai adquirindo várias facetas da informação na medida em que passa de uma mídia para a outra: de ouvinte a espectador, de espectador a leitor, enquanto vai gradualmente formando sua opinião acerca da realidade”, isso baseado no que entendemos como a multiplicidade de fontes. Já, sobre a cultura participativa, entende-se que com o crescente fluxo de informação, torna-se necessário levantar discussões sobre as mídias consumidas. “O consumo se tornou um processo coletivo, uma vez que a convergência das mídias permite modos de audiência comunitários, em vez de individualistas”. PORTO-RENÓ (et al, 2011)

É importante ressaltar que, assim como escreve o autor Henry Jenkins em sua obra “Cultura da Convergência”, a convergência está ocorrendo dentro dos mesmos aparelhos, dentro das mesmas franquias, dentro das mesmas empresas, e, principalmente, dentro do cérebro do consumidor. “A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação”. (JENKINS, 2009, p.44)

Em suma, a convergência ajuda a contar melhores histórias, a vender marcas e a seduzir o consumidor utilizando as múltiplas plataformas de mídia. Para lograr isso, não há como copiar modelos anteriores; por consequência, é preciso criar e adaptar novas possibilidades a partir dos caminhos já traçados. (PORTO-RENÓ, et al, 2011)

Dito isto, como um resultado desse processo de convergência, surge as narrativas transmídias, definidas por Denis Porto Renó como uma história com múltiplas "timelines", ou seja, uma história com possibilidades de novas ramificações, que considera que “a singularidade de cada mídia permite o desenvolvimento de certas dimensões de uma mesma história ou experiência”. Ainda na obra de Porto-Renó (2011), parafraseando Lance Weiler (2009), a narrativa transmídia refere-se a "uma abordagem ao desenvolvimento de histórias que agrega audiências fragmentadas adaptando a produção a novas formas de apresentação e integração social." (Weiler, 2009 apud PORTO-RENÓ, 2011).

No entanto, antes de aprofundarmo-nos no conceito de transmídia, é importante ressaltar que os recursos das narrativas transmídia não estão adaptados a todos os formatos ou gêneros jornalísticos. No texto “Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático”, de João Canavilhas (2013), entende-se que esse formato é recomendado para produtos como grandes reportagens, isso por “se tratar de um gênero de profundidade que se diferencia das notícias pela obrigatoriedade de incluir contextualizações, por permitir uma maior liberdade narrativa e por não ser tão perecível como uma notícia” (CANAVILHAS, 2013, p. 64-65), permitindo, assim, um longo ciclo de vida do produto.

Inspirado pelas ideias de Jenkins e Moloney, Canavilhas compreende as características do jornalismo transmídia a partir de oito pontos importantes:

1. **Distribuível:** o conteúdo deve incluir características e sistemas que permitam a sua partilha de forma viral.
2. **Explorável:** os conteúdos devem estar unidos por uma rede de ligações que ofereçam vários percursos e níveis de leitura.
3. **Ininterrupto:** a realidade é contínua, por isso as notícias também o são, o que contraria uma das marcas do jornalismo nos meios tradicionais: a periodicidade. O acompanhamento de um acontecimento deve ser contínuo e deve procurar explorar as características das diferentes plataformas envolvidas.
4. **Diversidade de pontos de vista pessoais.** Os comentários, opiniões e sugestões dos leitores devem poder ser integrados no trabalho jornalístico.
5. **Imersivo:** o envolvimento dos leitores é importante, por isso devem ser usadas narrativas e formatos que estimulem a ligação entre leitor e conteúdos
6. **Imperecível:** os trabalhos devem estar produzidos de forma a que o leitor os possa usar futuramente.
7. **Construído em mundos reais:** uma característica do jornalismo é a simplificação dos acontecimentos para facilitar a compreensão. As notícias transmídias devem incluir múltiplas formas de explicar as situações e incluir pistas de leitura que ajudem o leitor a compreender o acontecimento.
8. **Inspirar a ação:** Espera-se que a atividade jornalística contribua para um maior envolvimento do público na definição das políticas públicas.

O autor explica que, com o rápido crescimento das taxas de penetração da internet, a velocidade com que o digital se impôs no mundo da comunicação e o surgimento de

plataformas como os smartphones e os tablets, novos campos para a construção de uma reportagem foram abertos nas ciências da comunicação, o que implica no que ele chama de “ecossistema midiático”, que, por sua vez, subdividem-se em fatores bióticos e abióticos.

O texto propõe que os tradicionais fatores bióticos, que são, dentro dessa ideia de ecossistema, as relações entre as espécies, sejam os fatores intermediários (os meios e suas relações) e que os fatores abióticos (que são temperatura, luz, química dos ambientes, alimentação), por serem mais complexos, dividam-se em dois grandes grupos: fatores tecnoambientais (interfaces/usabilidade e ação do consumidor no sistema) e fatores contextuais (ambiente de recepção/interpretação da mensagem). Ou seja, os fatores bióticos e abióticos, presentes no conceito de ecossistema, serão interpretados nessa cultura midiática como fatores intermediários, fatores tecnoambientais e fatores contextuais.

- **Fatores intermediários:** trata-se da evolução dos meios devido ao aparecimento das mídias digitais, mas também ao resultado do convívio entre os diferentes elementos aí existentes. A face mais visível deste fenômeno é a migração de todos os meios tradicionais para a web e a incorporação de singularidades da web nos meios anteriores.
- **Fatores tecnoambientais:** estão ligados diretamente às audiências e ao surgimento de novas interfaces. “O público anteriormente conhecido como audiência (Rosen, 2006 apud CANAVILHAS, 2013) ganhou duas novas funções, passando também a produzir e a distribuir informação” (CANAVILHAS, 2013, p.55). Algumas dessas novas ferramentas, segundo o texto, abriram novas oportunidades para os usuários acessarem, de forma direta, o espaço público, assim, não sendo mais necessário recorrer às mídias tradicionais. A distribuição de conteúdos, próprios ou alheios, também passou a ter a contribuição do público.

Sobre os aspectos tecnoambientais, é importante frisar que o fator “tempo” facilita o grau de interatividade profunda e é também fundamental para tornar os conteúdos virais e acrescentar as informações que possam enriquecer a própria história relatada.

- **Fatores contextuais:** nesse caso, estão ligados diretamente à hora e ao local onde se recebe informação, já que essas características condicionam o interesse no conteúdo e a forma como o receptor a entende. A mobilidade e a preferência dos receptores, aliadas às características técnicas dos dispositivos (ligação à internet, GPS), abrem um vasto conjunto de novas possibilidades no campo da distribuição. A informação já não

tem apenas um valor absoluto em função do leitor, mas passa também a incluir um componente mais variável relacionado com o espaço e o tempo de consumo. (CANAVILHAS, 2013, p-56)

Para compreender todas as especificidades da reportagem transmídia, é importante mergulhar nas características de interatividade e hipertextualidade, multimedialidade integrada e contextualização.

3.1. Interatividade e hipertextualidade

Neste projeto experimental, a reportagem “Muito além de norte a sul”, queremos contar histórias de sujeitos que habitam a Avenida Paulista e, portanto, é essencial entendermos as características de uma reportagem transmídia, da escrita digital, interação e do hipertexto, além de alguns recursos midiáticos que estão ao nosso alcance para enriquecer o trabalho. Acreditamos que a natureza do jornalismo é narrar histórias, descobrir cotidianos, buscar fatos, construir e moldar realidades. Assim, surgem novas possibilidades do “fazer jornalismo” com a fidelização dos recursos transmidiáticos, que impulsionam essa propulsão jornalística. Segundo a obra de Baccin (2017) “Como contar histórias? O hipertexto jornalístico na reportagem hipermídia”:

(...) o espaço de escrita digital proporciona a união das múltiplas formas expressivas de contar a história - por meio de vídeos, áudios, textos, gráficos (multimedialidade) - organizadas de maneira que as informações fluam, independentes da ordem proposta (hipertextualidade), conforme as conexões que o leitor vai fazer e da interação deste com o conteúdo (interatividade). Essas narrativas digitais são potencialmente imersivas que nos levam a "experenciar" as histórias contadas. (BACCIN, 2017, p.17)

Entende-se interatividade como um dos principais recursos advindos dos novos contextos digitais. Este trabalho discorre com a ideia de interatividade ligada às potencialidades que a web e outros meios de comunicação podem oferecer em relação à interação do leitor com o conteúdo produzido e com outros usuários. Utilizando da ideia de Jensen (1998), acessada a partir de João Canavilhas, pode-se organizar a ideia de interatividade em quatro níveis: transmissão - ocorre sempre que o utilizador assume o mero papel de receptor; conversacional - quando o papel do leitor é limitado à redistribuição da informação; consulta - quando há possibilidade do leitor consumir apenas conteúdos que o interessa e no momento oportuno; e o nível de interatividade de registro, casos em que o utilizador pode contribuir com comentários, conteúdos, e outro tipo de participação que se

juntam ao produto informativo original. Dessa forma, segundo o texto, para se concretizar uma máxima interatividade de registro, é importante existir uma facilidade para interagir, possibilidade de agregar informação e também a hipótese de personalização e do potencial de controlar o sistema. (CANAVILHAS, 2013, p. 60-61).

Além de algumas singularidades técnicas das reportagens transmídias, a produção textual também vem com uma proposta adaptada ao formato. O filósofo e sociólogo norte-americano Ted Nelson, em 1963, criou o termo hipertexto, sendo um texto “maior”, formado por uma rede de informações disponíveis por meio de links e hiperlinks. Para Nelson (1965, apud BACCIN 2017, p.17), pioneiro no estudo, hipertexto é “uma escrita não sequencial, um texto que se bifurca em múltiplos caminhos, permitindo ao leitor a escolha por onde quer seguir a leitura e ao escritor a possibilidade de uma narrativa mais criativa e interativa”.

A escrita hipertextual pôde ser aperfeiçoada a partir das pesquisas de Nelson e de outros estudiosos da época, que se debruçaram sobre os sistemas de informação e as infinitas possibilidades de escrita. George Landow (1995, 1997, 2009), por exemplo, foi o responsável por elaborar a Teoria do Hipertexto, a qual se baseava em uma escrita mais livre e aberta, multilinear, com uso de hiperlinks e com a característica principal de buscar a ampliação das informações por meio dessa escrita. Para Landow, tanto o escritor quanto o leitor têm a possibilidade de expandir a busca pelo conhecimento por meio das lexias, como veremos mais abaixo, e dos links, uma vez que essa narrativa hipertextual proporciona uma maior contextualização e aprofundamento da história. (LANDOW, 1997, apud BACCIN, 2017)

A Teoria do Hipertexto, portanto, traça parâmetros que focam “na concepção de uma escrita mais aberta”, de forma a admitir a multilinearidade, que, segundo a autora, é “construída por blocos de informação, hiperlinks e redes, permitindo ao leitor a seleção, a combinação e o aprofundamento dos e nos hiperlinks” (2017, p.18). De acordo com essa Teoria, o escritor e o leitor visam “a ampliação da informação por meio dos links e lexias” - que são unidades de leitura - podendo se referir a termos, frases, parágrafos ou textos verbais e não verbais (BACCIN, 2017). Esses recursos dão ao leitor a “possibilidade de escolher a rotina de consumo dentro de uma macroestrutura noticiosa” (CANAVILHAS, 2013, p. 7).

Neste ponto interessa referir que, segundo João Canavilhas (2013), o conceito de link antes referido enquadra-se na definição de hipertexto ligada ao campo da informática, mas na narrativa transmídia jornalística entendemo-lo numa perspectiva mais vasta que inclui toda e

qualquer forma de ligar blocos informativos, dentro ou fora da web. “Por exemplo, se um dos blocos de informação é distribuído pela rádio ou pela televisão, o link poderá ser uma frase que remete os utilizadores para um conteúdo existente noutra plataforma”. (CANAVILHAS, 2013, p. 60-61).

A obra de Alciane Baccin (2017) também busca na narrativa hipertextual “proporcionar o acesso às causas que incidem sobre o fenômeno inscrito ou sobre a história contada, levando ambos à contextualização e ao aprofundamento da narrativa” (2017, p. 18). Sendo assim, com base no texto da autora, é possível caracterizar o conceito de hipertexto em três subdivisões: tipologia dos links (intertextualidade + intratextualidade), multivocalidade e estrutura de navegação (descentralização + rizoma).

A primeira se refere às inúmeras possibilidades do link dentro de um texto, sendo usado de maneira inovadora pelos jornalistas. O link possibilita a intertextualidade (característica do hipertexto), pois é por meio dele que acontece a interligação das informações, além de propiciar transparência e dar credibilidade aos dados usados, uma vez que eles dão acesso a documentos, entrevistas, depoimentos, trazendo veracidade e aproximação com o leitor, demonstrando a relação entre o que os jornalistas sabem e como eles sabem (TSUI, 2008, apud BACCIN, p. 89).

Já a multivocalidade, por sua vez, diz respeito a uma narrativa que contém pluralidade de vozes, tanto por parte do autor, que carrega consigo várias vozes durante a narrativa, como por parte do leitor, que ao ler, irá interpretar o texto conforme as suas vivências e as suas experiências até ali. No jornalismo, principalmente em ambiente virtual, observamos uma cooperação dos leitores na construção das narrativas, por meio do envio de fotografias, depoimentos de quem estava no local e presenciou os fatos, comentários e sugestões, levando para o meio jornalístico múltiplas vozes para além dos profissionais que ali estão envolvidos. Tal prática ficou muito conhecida como jornalismo colaborativo ou jornalismo cidadão, no qual o jornalista trabalha em conjunto com o leitor para produzir a notícia. Como por exemplo, podemos citar o MG1⁷, jornal diário do estado de Minas Gerais que recebe diariamente vídeos e imagens gravadas por telespectadores, seja de um buraco na rua, de um acidente, seja de uma obra do poder público inacabada.

Por último, a estrutura de navegação torna-se essencial para a construção de um espaço de escrita e para a configuração do hipertexto, já que ela, segundo Baccin (2017, p.

⁷ Quadro “Você no MGTV”, disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9994446>>.

142) se refere aos tipos de links de navegação e dizem respeito ao modo como a lexia será exibida, se no mesmo espaço que ela ocupa na reportagem ou em outra janela. A lexia, por sua vez, é um outro elemento importante do hipertexto e que se refere, como já citado anteriormente, a todo e qualquer espaço de sentido, sendo frases, textos (verbais ou não verbais) ou parágrafos, trazendo associações de significados que podem se entrelaçar, por exemplo, com links numa reportagem multimídia, criando assim múltiplas textualidades.

Para Baccin,

(...) é a estrutura de navegação que vai determinar quais links levam para outras lexias capitulares ou para fora da reportagem, e quais links mantêm a história na mesma lexia capitular. Os links conjuntivos e os disjuntivos por sobreposição e por opção são os responsáveis por definirem as estratégias de navegação das reportagens [...]. Essa definição pode contribuir ou interferir negativamente para o entendimento das histórias contadas. (BACCIN, 2017, p. 142)

A interatividade e a hipertextualidade, portanto, são características indispensáveis na narrativa transmídia, visto que a participação do utilizador é essencial para a construção de uma experiência transmidiática e completa. A aplicação desses conceitos, seja por meio de novos comentários, seja por redistribuição dos conteúdos nas mídias sociais, são garantias para que a reportagem seja considerada transmídia.

Após a imersão nesses conceitos, produzimos uma reportagem para que se aproxime o máximo possível desse formato que acreditamos ser uma excelente opção para a mensagem que queremos construir. A reportagem completa foi criada na intenção de produzir, acima de tudo, interatividade e participação desde o processo de apuração e produção na viagem, com os recursos disponíveis no Instagram - como enquetes e mensagens. Grande parte dos conteúdos visuais inseridos no site possuem características de interação e, então, é possível encontrar momentos em que você pode conduzir a leitura da forma que optar e até passar o mouse por cima para revelar algum conteúdo “secreto”. Além disso, optamos por galerias de imagens dinâmicas em que o leitor pode navegar como entender, expandir e até curtir as fotos. Sabemos que recursos muito mais elaborados requerem conteúdos mais aprofundados que não estão diretamente ligados a nossa área de pesquisa, mas as interações acontecem de forma sutil, caracterizando uma de nossas aspirações: a transmidialidade.

É possível também analisar toda a hipertextualidade do produto, construído por uma estética não-linear, livre, às vezes subjetiva e com presença de hiperlinks e menções. Além disso, o objetivo do trabalho é criar uma atmosfera para além do que se lê, isso se justifica

com a criação da playlist musical e dos vídeos produzidos. Toda essa contextualização do cenário também cria o que descrevemos como multivocalidade, no qual o leitor, em contato com o produto, interpreta e lê o material conforme as suas vivências até ali.

Queremos deixar registrado o forte interesse em alimentar essa realização para além da conclusão do curso, na escala que for possível. Por isso, também optamos por deixar disponível um formulário, em que os nossos leitores preencham seus dados e deixe sua contribuição. Também é possível realizar essa ação de, modo mais informal, pelas redes sociais

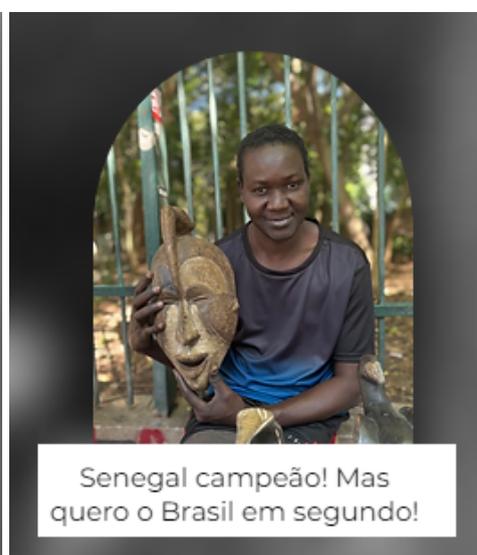
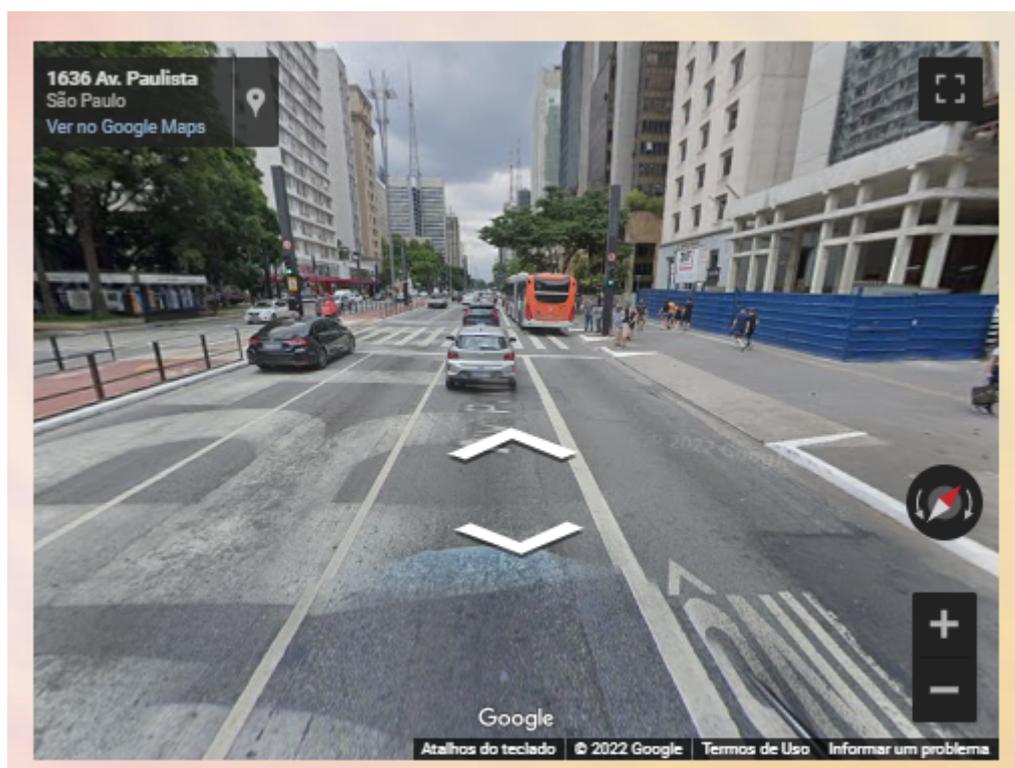


Figura 7, 8 e 9: Capturas de tela da reportagem “Muito além de norte a sul” para exemplificar a característica transmídia de interatividade. Recursos que o leitor pode clicar e/ou navegar como bem entender.

Fonte: Elaboração dos autores.

3.2. Multimedialidade integrada

O conceito de multimedialidade integrada está diretamente ligado a conteúdos que devem ser usados com um objetivo complementar específico no contexto, ou seja, confirmar o que foi dito, destacar uma informação ou até simplesmente ilustrar uma situação em que o som e/ou a imagem fazem total diferença, isso porque, em uma narrativa transmídia, é extremamente necessário tornar a informação mais objetiva, de modo a fazer com que ela ofereça a realidade e não uma mera interpretação feita pelo jornalista.

Segundo o texto de João Canavilhas, “essa multimídia deve ser adaptada às plataformas, utilizando-se os conteúdos de maneira a que potencializem as condições técnicas de recepção”. O autor levanta um exemplo para elucidar o conceito: “imaginemos uma reportagem sobre barbarias: a integração de um som 3D, pode ser interessante para explicar a sensação de cortar o cabelo”. (CANAVILHAS, 2013, p. 62-63)

Aqui podemos perceber uma das principais características deste produto. Toda a construção dessa aura narrativa garante diversas formas de se interpretar um mesmo assunto. As fotos, vídeos, textos e os recursos sonoros são extremamente complementares entre si e também buscam trazer mais dinamicidade à reportagem. Nosso conteúdo fala sobre histórias em um determinado espaço, o que nos possibilita ainda mais trazer essa integração entre as mídias, isso através das fotos dos nossos personagens em seus meios e também da escolha dos cenários originais das entrevistas realizadas. Cada material comunica por si só, respeitando o contexto e a mensagem ali produzida.

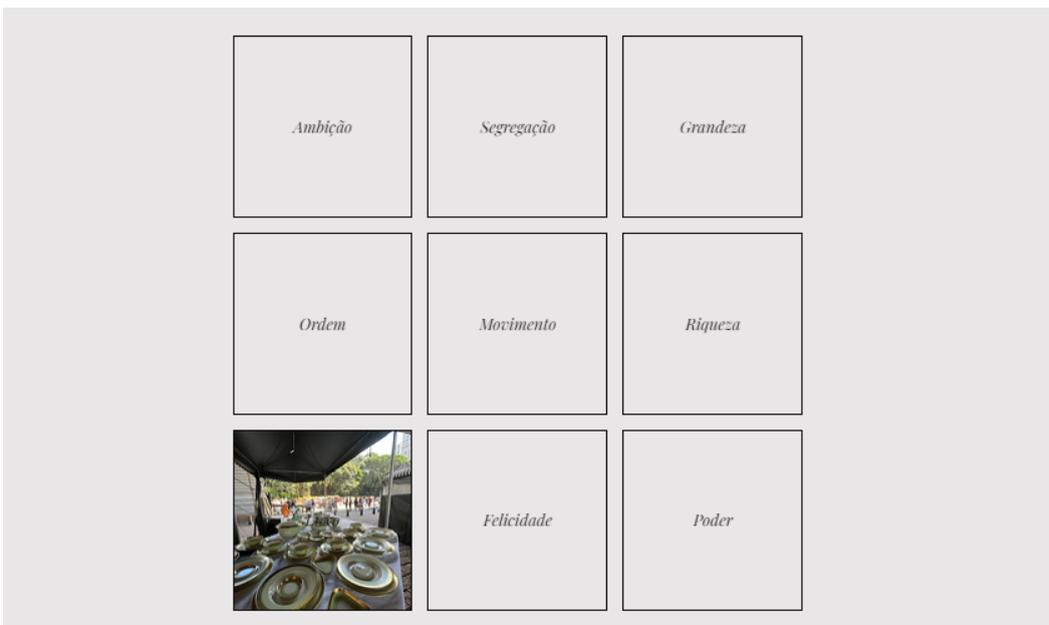


Figura 10 e 11: Captura de tela da reportagem para exemplificar a característica transmídia de multimedialidade integrada. Foto e textos complementares.

Fonte: Elaboração dos autores.

3.3. Contextualização

“Esta é uma característica indispensável para a narrativa transmídia”, é o que escreve Canavilhas logo ao adentrar no tópico em seu texto. A contextualização aplicada ao jornalismo transmídia, para além do que era definido por Fontcuberta (1999, apud CANAVILHAS, 2013) como diacrônica - antes da notícia - e sincrônica - condições em que se produziu o acontecimento, ultrapassa aquilo que entendemos apenas como contextualização, que se referem, exclusivamente, às informações que situam determinado

acontecimento no espaço, no tempo e na própria temática. A reportagem transmídia em questão, também preocupa-se com a contextualização no espaço de consumo, ou seja, com a adaptabilidade de cada usuário, no seu respectivo formato de consumo. Tudo isso, além de abranger o maior número de espectadores, também traz mais facilidade para que eles consumam o conteúdo como preferirem ou puder.

Isso se faz necessário porque

a crescente mobilidade das audiências, a miniaturização e diversificação das plataformas com ligação permanente à internet, o consumo individual dos conteúdos e a avalanche de informação recebida diariamente são variáveis que potencializam o jornalismo transmídia, mas também o condicionam igualmente à sua prática, exigindo níveis de contextualização adaptados a esta realidade. (CANAVILHAS, 2013, p-63)

Ao discorrer sobre a obra supracitada, também é possível entender a contextualização como uma forma de personalizar os conteúdos, isto é, produzir uma forma mais avançada de contextualização, com o “objetivo de chamar a atenção do consumidor para um conteúdo específico que destaca-se na tal avalanche informativa antes referida, adaptando-se ao máximo possível às circunstâncias de consumo” (Pavlik, 2001, apud Canavilhas, 2013). E isso se justifica na escolha porque a atenção do espectador ao conteúdo será maior, proporcionalmente a quanto mais sentido esse conteúdo fizer para ele naquele momento.

Dessa forma, defende-se, por isso, que são esses graus de contextualização e interatividade que marcam a diferença entre as narrativas transmídias de outros formatos que venham a se aproximar do nosso conceito base.

3.4. Transmídia x multimídia

O conceito de transmídia, ainda que com suas particularidades, se aproxima de alguns outros que lhe são próximos e que, por vezes, podem ser usados erroneamente. Ainda que talvez esses conceitos se achessem em uma produção jornalística, é importante entender as especificidades de cada um.

O que antes entendíamos por reportagens multimídia, com uso de textos, imagens ou ilustrações, hoje, com os novos meios digitais, dá espaço para a reportagens transmídias. Admitindo junto a João Canavilhas e Alciane Baccin (2015), é importante lembrar que a multimídia é um conceito já utilizado no jornalismo digital, e antecede o contexto da web, uma vez que dois tipos de linguagens em uma mesma mensagem já são suficientes para que essa seja multimídia.

No campo do jornalismo na WEB, esta multimídia pode ocorrer por redundância ou por integração: no primeiro caso, trata-se de apresentar o mesmo conteúdo em diferentes formatos, enquanto no segundo existe uma complementaridade entre os conteúdos, funcionando como um todo coerente. [...] Podemos inserir neste tipo de conteúdo alguns novos gêneros do webjornalismo, como o infográfico web ou a reportagem multimídia, mas apenas quando apresentam pouco ou nenhum nível de interatividade e participação. (CANAVILHAS, 2013, p. 57)

Ao produzir uma reportagem jornalística transmídia é importante levar em consideração a história que está sendo contada ali, com todos os seus tentáculos narrativos. Henry Jenkins escreve que essa transmidialidade é uma forma de contar “histórias que se desdobram em múltiplas plataformas de meios de comunicação, cada uma com a sua contribuição distinta para o nosso desdobramento do mundo” (JENKINS, 2006, p. 296, tradução nossa⁸). Para João Canavilhas (2013), a definição de Jenkins marca desde logo uma diferença em relação aos restantes conceitos, quando diz que os conteúdos são diferenciados e distribuídos por meios, mas convergem para um fim único.

Pouco abaixo, o autor também traz uma definição complementar.

As reportagens transmídias não são só sobre múltiplas histórias, mas sim sobre a criação de um rico espaço intermediário, um arquivo de significado compartilhado entre diferentes partes da história. Através da utilização de diferentes meios de comunicação, é possível criar "pontos de entrada", através dos quais os utilizadores podem ficar imersos num mundo de histórias” (VEGLIS, 2012b, apud CANAVILHAS, 2013, p.58, tradução nossa⁹)

De fato, é uma característica fundamental das reportagens transmídias aproveitar as possibilidades tecnológicas e comunicacionais disponíveis nos dias de hoje, com foco total na interatividade e no diálogo contribuinte com o leitor e espectador para a construção do produto. Com isso, falar de transmídia é falar de inovação e novas tecnologias. E o jornalismo, por sua vez, está constantemente buscando a revolução no comunicar e a promoção de melhores experiências no fazer jornalístico. Com o auxílio de aparatos tecnológicos, as rotinas jornalísticas foram modificadas e, concomitantemente, as linguagens, os dispositivos e os formatos. Em vista disso, todo o processo do jornalismo digital foi desenvolvido principalmente para dispositivos móveis, com recursos hipertextuais que criam novas abordagens narrativas para os conteúdos noticiosos.

⁸ “Stories that unfold across multiple media platforms, with each medium making distinctive contribution to our understanding of the world”

⁹ Transmedia is not just about multiple stories, but about creating a rich in-between space, an archive of shared meaning in-between different parts of the story. By using different media, it attempts to create "entry points" through which users can become immersed in a story world"

Resumindo, produzir narrativas transmídias no jornalismo implica desenvolver conteúdos de profundidade e não perecíveis que devem: a) ser multiplataforma, incluindo obrigatoriamente a Web; b) ser hipermultimidiáticos e possibilitar diferentes itinerários de leitura; c) permitir que o utilizador participe, acrescentando informação ao conteúdo; d) estar adaptados aos possíveis contextos de recepção, sejam eles de cariz tecnológico (plataformas). geológico ou relacionados com os ritos de consumo pessoal. (CANAVILHAS, 2013, p.65)

3.5. Exemplos de recursos transmidiáticos

Com os variados recursos a disposição do jornalista, sendo da ordem narrativa, expressiva, estilística ou interativa, é possível inovar na forma de contar histórias e possibilitar novos pontos de vista ao leitor.

Em “Narrativas webjornalísticas como elemento de inovação: casos de Al Jazeera, Folha de S.Paulo, The Guardian, The New York Times e The Washington Post” (2017), Raquel Ritter Longhi e Ana Flores (2017) demonstram alguns aspectos presentes na reportagem *longform*, estilo de reportagem que se assemelha com a transmídia, uma vez que apresentam conteúdos interativos para além do texto, como vídeos, infográficos, áudios e diálogos com o leitor. No artigo, as autoras nos exhibe o uso inovador no áudio como um conteúdo imersivo, exemplificando na reportagem da cobertura mundial do Al Jazeera, quando foi utilizado pequenos excertos de áudios em arquivos específicos, um formato breve em que um personagem da narrativa é apresentado a partir de uma imagem acompanhado de um pequeno registro em áudio da sua fala. Além disso, representações gráficas ou imagéticas em terceira dimensão e até mesmo a realidade virtual são recursos são empregados em reportagens transmídias para criar especificidades, no caso deste trabalho de conclusão de curso, particularidades da Avenida Paulista que podem ser representadas no ambiente digital, como suas histórias, seus personagens e as suas vozes.

Ao nos debruçar sobre a obra supracitada de Raquel Longhi e Ana Flores (2017), as autoras nos apresentam diversas reportagens que são exemplos de inovação no jornalismo e que trazem grande riqueza narrativa e múltiplas formas de expressão.



Figura 12: Áudio portrait retirado da reportagem “*Treasured Island. The people of Tangier fear their life, land and heritage could wash away*” do canal de notícias Al Jazeera.

Fonte: Al Jazeera América, 2014.

Na reportagem acima, produzida pela rede Al Jazeera, maior emissora de televisão jornalística do Catar e, conseqüentemente do mundo árabe, podemos perceber uma preocupação com a interação do leitor em cada bloco informativo, organizados de tal forma que estruturam cada hipertexto e criam um caminho narrativo repleto de significados.

A reportagem conta a história de uma comunidade de pescadores que vivem em uma ilha nos Estados Unidos. Ao realizar a leitura percebemos um texto repleto de sensações e recursos narrativos, expressivos, estilísticos e, principalmente, interativos. Pequenos excertos de áudios, vindos como elementos inovativos, são utilizados para dar vida (e claro, voz!) aos personagens, no caso, os marinheiros daquele local. Um recurso específico de áudio conhecido como *portrait* foi muito utilizado. Através desse recurso, um personagem foi apresentado por meio de uma fotografia acompanhada de um breve registro de áudio, eternizando sua voz e contando a sua história de forma mais expressiva.

A Folha de São Paulo, por sua vez, desenvolveu a série *Tudo Sobre*¹⁰, em 2013, um especial com características transmídias, que abordava diversos temas em esfera nacional. Conteúdos como a construção da Usina de Belo Monte, no Pará, e o desmatamento na Amazônia foram alvos de pesquisas e muito estudo da Folha para trazer novas técnicas e experiências para o jornalismo. Os recursos transmídias são encontrados em todo o corpo da grande reportagem, ou seja, estão presentes em todos os 24 vídeos, 55 fotografias, 18

¹⁰ Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/>>

infográficos e um game, nas multiplataformas de linguagem, na interatividade, na temática, na navegabilidade adaptada aos sistemas IOS, Android e de web no App Store e nas mídias sociais, que contemplam as particularidades de uma reportagem transmídia, de modo a unir mídia, tecnologia e informação.

Dentre os avanços que traz a reportagem, é incontestável que o recurso "Folhacóptero" marca mais um dos avanços da produção de reportagens transmídias no Brasil. Trata-se de uma estratégia interativa inovadora e integrada com programas de aplicativos, o que o torna muito mais interessante. O aplicativo propõe uma imersão para dentro do conteúdo da reportagem, que, através do jogo, mostra os problemas causados pela construção da usina, enquanto o espectador vive a experiência de um voo virtual, despertando, assim, o interesse dos leitores com o conteúdo publicado e, conseqüentemente, gerando engajamento. Assim, essa experiência do internauta se transforma em ações participativas.

“A cultura participativa define, nessa perspectiva, novas práticas de uso das mídias associadas, sobretudo, ao compartilhamento, à publicação, à recomendação, aos comentários, ao remix e à reoperação de conteúdos digitais (criados e disponibilizados em meios digitais, especialmente na Internet)”. (FECHINE, 2014, p. 282).

SOBREVOE A USINA

Aplicativo interativo permite pilotar o Folhacóptero sobre Belo Monte



Figura 13: Print da reportagem “A Batalha de Belo Monte”, da Folha de São Paulo, na qual retrata o Folhacóptero, um recurso expressivo que simula um sobrevoo em forma de game, com a demarcação dos pontos geográficos para interação com o leitor.

Fonte: Folha de São Paulo, 2013.

4. Produto final

Diante de tudo isso, e levando em consideração todas as possibilidades tecnológicas e de recursos que nos é ofertado, optamos por criar uma experiência em cima desse cenário. Viajamos para a Avenida Paulista e produzimos vários conteúdos que criam uma atmosfera desse lugar e da ideia que queremos passar sobre ele, tudo compartilhado em uma reportagem digital completa, disponível na internet. A escolha se justifica pela gama de conteúdos produzidos atrelado aos diversos recursos transmidiáticos que uma reportagem com aspirações transmídias pode ter. A seguir, todas as informações sobre essa viagem - não só literal - e descrição do produto final.

4.1. Diário de Campo

DIA 01 - 21 de abril

Nossa viagem para São Paulo aconteceu no dia 22 de abril. Saímos de Mariana no dia 21, às 20h e chegamos em BH por volta das 22h15. Em Belo Horizonte nos hospedamos na casa do Hugo, nosso amigo de Itabira que também é apaixonado pela Paulicéia Desvairada e nos acompanhou nesse mergulho rumo à capital paulista.

Nosso ônibus para São Paulo estava marcado para o dia seguinte (22), às 8h30 da manhã. Comemos uma pizza, discutimos sobre a ansiedade pelo dia seguinte e fomos dormir sem nem imaginar o que nos aguardava.

DIA 02 - 22 de abril

Já no dia 22, acordamos às 7h da manhã e fomos para a rodoviária de BH, sem café da manhã sem nada. O nosso ônibus atrasou mais de uma hora e embarcamos 9h40. Na rodoviária, cada ônibus que chegava era uma imagem da Avenida Paulista que se formava para nós. Dentro do ônibus, a ansiedade era tanta que não conferimos direito as passagens, sentamos nas poltronas lado a lado, mas a poltrona do Pedro era de outra pessoa; tivemos que aguardar o dono da cadeira aparecer para saber se poderíamos viajar juntos ou não. E viajamos! O dono chegou e cedeu a cadeira pro Pedro de bom grado - ufa! Partiu São Paulo?

Durante a viagem, cada paisagem nos remetia a um anseio na Avenida; de Oliveira a Atibaia, entre cochilos intermináveis e paradas exorbitantes no Graal, chegamos. Às 18h45 descemos no Terminal do Tietê e começamos - de fato - a enxergar o nosso sonho. Na rodoviária, a intensa movimentação nos assustou e nos fez sentir a temida São Paulo da novela das nove. Redobramos o cuidado com as malas, guardamos os celulares e desvendamos um pouco daquele novo lugar. Antes de irmos para a nossa hospedagem, decidimos iniciar nossa visita em São Paulo de uma forma um tanto quanto carnavalesca e inesperada. Mas isso é assunto para um outro trabalho de conclusão de curso.

DIA 03 - 23 de abril

Dia 03 ou dia 01, somente no dia 23 que colocamos nossos pézinhos cansados e ansiosos na Avenida Paulista. Nos hospedamos no bairro Liberdade, em um Airbnb bem próximo da Avenida, onde pudemos nos deslocar de Uber e de metrô sem muito transtorno. E

então, após o almoço e já na estação, pegamos o metrô pela primeira vez (na vida) e sentimos o arzinho do que é uma cidade grande. Escadas rolantes, pessoas conversando sem olhar para o lado, troca de bilhetes, roletas, abre e fecha de portas, trilhos, freios e enfim o metrô chegou. Que tecnologia, hein? Num é que o tal do metrô é rápido mesmo? Piscamos e finalmente avistamos a escada rolante que nos levaria - de fato - para a concretização deste TCC. Descemos na Estação da Consolação. Chegamos na Avenida Paulista. E fomos recebidos de certa forma inusitada - e talvez esperada. Estávamos parados e há menos de cinco minutos na Paulista quando dois policiais se aproximaram da gente ao nos ver filmando com os celulares expostos, e nos aconselharam a guardar os aparelhos usando-os com cautela, nos orientando sermos vigia um dos outros enquanto um estivesse gravando. E assim foi feito em quase todos os dias na Paulista.

A 5 passos dali estava um dos nossos principais personagens: Batista do Megafone. De camisa vermelha com a estampa do Lula, capacete amarelo adesivado com os dizeres “Fora Bolsonaro”, “Vacina Já” e “Lula Popular” estava Adinaldo Aparecido Lemos Batista - ou Batista do Megafone - com seu amplificador em mãos e propagando para os quatro cantos da Paulista a sua devoção por Luiz Inácio Lula da Silva e o seu (nosso) ódio por Jair Messias Bolsonaro. Paraense de nascença e paulista de coração, Batista abdicou da sua carreira como pintor e encarregado de firma para vender camisas e broches “para ajudar na luta”, como ele mesmo afirma, combatendo a sujeira política e lutando diariamente pela democracia e pelos direitos dos pobres no país. Em pouco tempo de conversa percebemos que Batista seria um coautor perfeito para o nosso trabalho. Dissemos perfeito, e não fácil. Em pouco mais de 40 minutos de conversa ouvimos repetidamente de Batista que ele esteve os 580 dias na Vigília Lula Livre em Curitiba, que não é rico porque não dá valor para o dinheiro - mas que já teve bom poder aquisitivo - além de afirmar incansavelmente que o Bolsonaro acabou com o poder de compra do brasileiro. Quando perguntávamos sobre sua idade, a respeito do que o levou para São Paulo e como era a vida sendo vendedor ambulante, todas as respostas encontravam saída no atual (des)governo.

Já eram 18h quando - finalmente - deixamos o Batista e fomos lanchar ali mesmo, em frente ao prédio da FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - edifício esse muito citado por ele para remeter a poder, covardia e desordem. Já nas barraquinhas, pedimos um cachorro quente típico paulista (com purê de batata) e um espetinho dos bons. Um descanso rápido e já seguimos rumo ao MASP. No caminho, claro, era inevitável não parar a

cada esquina e produzir todo e qualquer conteúdo que pudesse contribuir para esse trabalho de campo. O que mais nos chamou a atenção foi a infinidade de contrastes sociais existentes - e como eles eram meros coadjuvantes. Camelôs expondo seus trabalhos em frente a prédios como o do Santander e Bradesco, pessoas em situação de rua dormindo em frente a portões de edifícios luxuosos, bandeiras do Lula e do Bolsonaro lado a lado; e como essas discrepâncias de certa forma tornavam-se harmoniosas e pareciam fazer parte daquela sinfonia para os olhos alheios também nos atentou.

Nesse primeiro contato com a Paulista decidimos que íamos andar sem roteiro e que seríamos guiados pelos nossos instintos e pelas visualidades que nos rodeavam. Entramos na Marisa, namoramos um Mac Donalds, lanchamos - de novo - mas dessa vez no Shopping Center 3, e no meio dessas andanças fomos convidados pela voz da Isa a procurar de onde estava vindo o som. Sentada em cima da sua caixa de som com o seu banner de apresentação ao lado, Isa Melo reuniu um grande público à sua volta para ouvir os clássicos de Marília Mendonça a Fugees. Fomos cativados pela sua voz e pela atmosfera daquela esquina, esquecemos do tempo; a cada música íamos dançando, filmando, até tomarmos coragem de irmos até ela conversar e elogiar pelo seu trabalho.

Por volta das 22h fomos para o cruzamento entre a Avenida Paulista e a Rua Augusta, local onde fomos alertados também a ter cuidado devido ao horário e às intenções daquelas pessoas ali reunidas. A cada minuto que passava mais pessoas chegavam e se agrupavam ao redor de barraquinhas de churrasco e cervejas, com caixinhas de som tocando *funk* e uma grande fumaça compondo o cenário. Nos afastamos da multidão, continuamos observando por mais uns instantes e pedimos um carro para ir embora. Já em casa, decupamos parte do material e por volta das 2h da manhã fomos dormir.

DIA 04 - 24 de abril

O domingo é um dia atípico na Paulista, quando, por meio de uma mobilização de coletivos, ONG'S e cidadãos paulistanos, a Avenida fica aberta aos domingos e feriados para pedestres e fechada para os veículos. E então, foi o dia perfeito para acordarmos cedinho e vivenciar a pluralidade daquele lugar. Ao descermos do Uber, fomos tomados por uma música que invadia o lugar e ao mesmo tempo dividia espaço com outros sons não identificáveis. Um caminhão da SmartFit, rede de academias esportivas, fechava uma esquina com professores e dançarinos levando aulas gratuitas de dança para a população de São

Paulo. A grande multidão em volta que participava e assistia nos convidou a colocar o corpo pra jogo também. Sem direção e muito ansiosos com tudo que estávamos vendo, decidimos sermos guiados pelos sons que se sobressaíram na Avenida.

Na segunda esquina encontramos Alex Leone, um sertanejo raiz que atraiu de rockeiros a regueiros com seu carisma e uma voz potente. Ao seu lado, chamando mais atenção que o próprio cantor, estava Seu Madruguinha, um senhor na faixa dos 60 anos de idade, trajando chapéu azul, óculos de sol vermelho e blusa verde, dançando e ensaiando passos que atraíam os olhares até dos mais distraídos.

Em menos de meia hora na Paulista Aberta pudemos perceber a hibridização sonora que tomava conta daquele lugar, ao passo que o show de rock n' roll na próxima esquina se cruzava com a música alternativa que tocava do outro lado da rua, numa estranhíssima sinfonia.

No meio do caminho encontramos Babacar Gueye, mais um autor da nossa história. O senegalês de 37 anos veio de Dacar - capital do Senegal - para ser artista de rua em uma das maiores avenidas do Brasil. Com um jeitinho tímido que rapidamente deu espaço a gargalhadas e piadas sobre o Brasil, Babacar nos apresentou sua extensa coleção de máscaras africanas produzidas por ele e também enviadas ao Brasil pela sua família no Senegal. Babacar nos explicou que as máscaras são elementos culturais para diversos povos da África e que os seus significados são múltiplos, representando símbolos ritualísticos como forma de aproximar as pessoas da espiritualidade, além de máscaras para rituais de nascimentos, celebrações, casamentos, gestações e as mais diversas tradições africanas. Pedimos a ele que fosse personagem do nosso TCC, e ele de bom grado aceitou e agendou com a gente mais um encontro na manhã seguinte.

Até finalizarmos o dia na Paulista, passamos pela Marcha Mundial das Mulheres pela desmilitarização da vida e contra o poder das empresas transnacionais, encontramos com um cover do Roberto Carlos que arrancava sorrisos com seu blazer branco, blusa azul e uma peruca um tanto quanto engraçada, visitamos a Feira de Antiguidades no saguão do MASP que nos revelou tantos contrastes ao oferecer obras de arte, joias e peças de decoração, mas ao fundo abrigar pessoas em situação de rua que dividiam barracas e cobertores.

Paramos para almoçar no shopping e descansamos um pouco antes de tentarmos desvendar a avenida de uma ponta a outra. Era por volta das 16h30 quando seguíamos andando e uma cena nos arrebatou. Em uma cabana, em formato de um carrinho, placas de

papelão carregavam os seguintes dizeres: “*Deus abeçõe pela cólaboração*”, “*Pessoal me ajunda acopra a ração samós 1 família*”, “*Aceito doação Deus te abeçõe sempre amém*”. O cenário, por sua vez, era composto por cerca de nove cachorros e um gato - todos bem cuidados, com brinquedos e camas à disposição - e sentada próximo a parede estava a mãe de todos eles.

A mãe, por sua vez, é uma mulher trans em situação de rua, que divide o seu tempo e a sua vida recolhendo animais das ruas e pegando para cuidar. Ao todo e em mais de 1h de conversa, ela nos revelou que tem mais de vinte animais entre cachorros e gatos, resgatados e zelados por ela. Ela, claro, tem um *nome*. Ao pensarmos em como escrever e contar pra vocês como alteraríamos o seu nome para preservar a sua imagem, encontramos diversos dilemas jornalísticos, éticos e morais. Será que ocultar o nome de uma mulher trans que luta para ser reconhecida pelo seu nome social é o correto? Ou expor o seu nome para que ela possa ser reconhecida e vir a tornar um objeto de escárnio pela escória da sociedade? Coletamos registros audiovisuais dela, sabemos o seu nome e temos o seu contato, mas, por ora, visando proteger a sua imagem e resguardar quem ela é, iremos nomeá-la como Iniko. E claro, vocês já imaginam o por quê de tanto cuidado, mas *ainda* não sabem a história da nossa protagonista.

Iniko nasceu em Goiânia e foi para São Paulo por conflitos familiares, visto que a sua família não aceitava a forma como ela se orientava no mundo e sua relação com seu gênero. Seu irmão, um homem trans, foi morto com três tiros vítima da transfobia e, após a sua morte, seu outro irmão - um homem cis - afirmou: “menos uma sapatão no mundo.” Já morando em SP, ela nos contou que trabalhou em supermercados, setores administrativos e em redes de departamento, sendo promovida a gerente de vendas com seis meses de serviço, mas, por estar cansada de obedecer a ordens de superiores, pediu demissão e hoje se encontra em situação de rua, mesmo afirmando que se fosse distribuir currículos em lojas e comércios seria novamente contratada. Quando ainda estava no mercado de trabalho, Iniko conheceu P. e, como ela mesmo afirma, “na época éramos rapazinhos quando trabalhava” visto que hoje Iniko e P. moram juntas, são mulheres trans e se consideram irmãs. Iniko ainda afirma que P. ficou quatro anos presa, sem informar o motivo da prisão. Além de P., Iniko ainda mora com o seu cunhado, e ela nos revelou de modo tímido um comportamento mais hostil da parte dele.

Em meio a nossa troca de vivências, era impossível não desviar os nossos olhares para os cachorros que com ela estavam. Vaquinha, Romeu, Fofó, Chiquinha, Baixinho, Princesa, Nemo e o único gato, Cheiroso, roubavam a cena e atraíam olhares de quem passava por ali, implorando carinho e brincadeiras.

Em mais de 1h de conversa conhecemos um pouco mais sobre a história de Iniko, suas memórias, seu amor pelos animais e o seu anseio em vê-los bem. Ao final, contamos a ela o objetivo acadêmico da nossa viagem e que a queríamos muito como nossa protagonista. Empolgada, Iniko disse que iria dormir na Praça da Sé mas que no outro dia, às 10h da manhã, poderia encontrar com a gente no mesmo lugar. Pegamos o seu contato, jogamos mais um pouco de conversa fora e fomos embora ansiosos pela melhor entrevista que iríamos fazer. Ou não.

DIA 05 - 25 de abril

No dia seguinte (e último!) acordamos cedinho e fomos direto encontrar com Iniko. Chegando lá, ela não estava, e junto aos animais estava o seu cunhado, que nos avisou que iria ligar para ela a fim de comunicar a nossa chegada. Mandamos mensagem para ela pelo WhatsApp também, e ela nos respondeu via áudio que já estava chegando. Nesse tempo de espera presenciamos o cunhado de Iniko discutindo em tom de voz bem alto com um outro homem, enquanto os animais latiam e se revoltavam. Ela chegou, foi ao nosso encontro e estava meio sem jeito, e já começou a conversa pedindo desculpas. Disse que conversou com P. sobre a entrevista que daria pra gente e que tal episódio gerou conflito entre as duas, uma vez que P. não a apoiava em ser nossa personagem, já que Iniko em ocasião anterior, cedeu entrevista para terceiros que usaram de má fé o fato dela aceitar ajuda de outras pessoas para auxiliar a pagar os cuidados com os animais, de modo a taxá-la como aproveitadora, distorcendo sua real intenção.

Por esse motivo, ela nos pediu mil desculpas, nos informou que o cunhado dela era muito nervoso e que ele também não autorizou a sua participação. Talvez como prova de que não iríamos usar a sua imagem de forma negativa, nossa personagem pediu para tirar uma foto nossa e logo depois bateu uma foto nós três, todas as fotos do celular dela. Após o bate papo breve mas sério, a tranquilizamos de que estava tudo bem e que a última coisa que queríamos era colocar em risco a sua integridade física e moral. Despedimos dela e seguimos a avenida, tristes, ansiosos e muito reflexivos sobre o que tínhamos acabado de presenciar.

Logo a frente sentamos e decidimos fazer uma análise do início ao fim do nosso encontro com Iniko, dos jornalismo possíveis e impossíveis e das adversidades no fazer jornalístico atrelado a subjetividade. Alô, Fabiana Moraes, precisamos de você! Lembramos, claro, de O Nascimento de Joicy, livro da jornalista supracitada que conta a história de Joicy ao buscar o serviço público para realizar uma cirurgia de redesignação sexual, mas, para além da arrebatadora temática da transexualidade, Moraes tem a sensibilidade (e a coragem!) de trazer o jornalismo de subjetividade à tona e usá-lo, de fato, como uma ferramenta política, usando a emoção para deconolizar o jornalismo. Ao participar do projeto Traduções - uma série de lives realizadas pelo Observatório jornalismo(S) da Universidade Federal de Ouro Preto - Fabiana Moraes nos presenteia com discursos e cotidianos que foram ao encontro do nosso episódio com Iniko e responderam diversos questionamentos - e criaram outros - desses quases jornalistas que vos escrevem.

Ao citar a sua relação com Joicy, via abordagem repórter/entrevistado, Moraes admite que era muito doloroso ter que abandonar tantos elementos essenciais que estavam presentes na reportagem e no extra reportagem para talvez ser considerada uma jornalista melhor ou mais respeitada, visto que há em pauta uma grande separação entre a razão e a emoção que fundamenta tanto a prática jornalística. Assim como Fabiana Moraes relatou, o jornalismo tenta devolver a dignidade para as pessoas, e nós só queríamos fazer com que a voz de Iniko fosse ouvida com mais gentileza. Mas, após nossa conversa final, recebendo o não e percebendo que poderíamos ter colocado a integridade dela em risco, nos sentimos perdidos e refêns da nossa própria profissão. Teríamos, assim como Moraes, que abandonar os elementos raros e fundamentais do nosso trabalho, guardar toda a estética e os detalhes de Iniko e não levá-los para a prática jornalística.

Durante a conversa de Fabiana Moraes com os professores Lara Linhalis e Evandro Medeiros, uma estudante perguntou para a autora como humanizar as histórias de pobres sem romantizá-las. Bingo. Moraes afirmou que os jornalistas - em sua maioria os jovens - encontram-se demasiadamente preocupados com o escrever e fazer jornalístico, de modo a *pisar em ovos* ao se aproximar de uma fonte, evitando abrir a relação para um contato maior entre jornalista e entrevistado a fim de não cometer gafes e não fugir da temida técnica profissional.

Em prática, tentamos ao máximo nos aproximar de Iniko nas poucas horas que ficamos reunidos. Queríamos que o nosso encontro se desse pelas semelhanças e não pelas

diferenças; assim como Linhalis nos apresentou na live, a autora Janet Malcolm, em “O Jornalista e o Assassino”, afirma que “todo jornalista sabe que o que faz é moralmente indefensável”, e que o comportamento de Moraes em tentar devolver a dignidade das pessoas torna o jornalismo um pouco menos indefensável.

Ao assistir a live novamente após o episódio com Iniko, compreendemos de forma mais gentil que não existe somente um jeito de se fazer jornalismo, que nós temos uma arma democrática em nossas mãos e que seguiremos produzindo representações e decolonizando a profissão.

Passada tal reflexão, seguimos a avenida pois tínhamos uma outra entrevista marcada, dessa vez com o Babacar. Nossa conversa foi muito proveitosa e leve, regada a gargalhadas, histórias e memórias. Demos uma pausa, almoçamos na Liberdade, conhecemos a 25 de março e retornamos para a Paulista, agora para entrevistar - de fato - o Batista do Megafone. Em 24 minutos de gravação pudemos ouvir praticamente as mesmas falas e debates do primeiro encontro. Entrevista concluída com sucesso. Mais algumas andanças, lanchamos em um shopping e fomos embora para juntar nossas malas, afinal, tínhamos viagem marcada às 23h30 para BH. Valeu, Avenida Paulista! Descobrimos que existe sim muito amor em SP.

4.2. Sobre o site

A plataforma Wix hospedará nosso site devido a facilidade estética e a infinidade de recursos que ela nos traz, além de já termos usado-a em outros momentos do curso de Jornalismo. A home do site é introdutória e dá o start na experiência que queremos passar sobre essa viagem - física e metafórica - com um vídeo de abertura de takes gravados na Avenida, ao fundo, tocando Criolo - Não existe amor em SP. O vídeo se inicia com as cenas em preto em branco, aos poucos ganhando cor e seguindo o ritmo da batida da música, contrastando letra e imagens, assim como as discordâncias existentes ali. A estética de um colorido crescente se justifica baseado no nosso objetivo de desmistificar a Avenida e quem faz parte dela. Para alguns de nossos personagens, a Paulista é cinza, e talvez teria sido também essa a nossa percepção sobre eles se não tivéssemos nos dado a oportunidade de conhecê-los.

No canto superior esquerdo está a representação do nosso trabalho em um logotipo feito por nós, que busca traduzir a ideia de caminhos que se cruzam na Avenida Paulista. A logo ilustra uma estrada não-linear, como de fato é a Paulista - física e conceitualmente -

além de objetivar o nosso trabalho com encontros por onde ela se mantém viva e pulsante, formando assim as iniciais AVP, claro, de Avenida Paulista. Houve também a ideia de representar as iniciais dos nossos nomes no logotipo, M e P, já que se trata de uma história contada da Avenida a partir de nossas percepções e vivências ali. Não seria possível desbravar a Paulista colocando de lado todos os nossos pré-conceitos sobre ela e também as inúmeras expectativas que nos trouxeram até aqui, sem falar do encantamento que sempre perpassou nossas pesquisas.

A nossa identidade visual busca mostrar pluralidade também em uma paleta de cores vibrantes e quentes, como acreditamos ser a Avenida. Nossa inspiração partiu daquelas imagens formadas por câmeras térmicas que criam uma imagem a partir da temperatura do local, sendo representadas por cores vermelhas e amarelas nos lugares com temperaturas superiores. E tudo fez sentido ainda mais ao pisar na Avenida. Corpos, encontros, velocidades, temperaturas, isso tem a ver com o nosso produto e também com o que encontramos em cada passo. Por isso a escolha das cores vermelho e amarelo em predominância. Nossa logo, em algumas animações, também formam uma rosa dos ventos - que é a base do nosso trabalho - servindo-nos como conduções, escolhas, singularidades e referências.

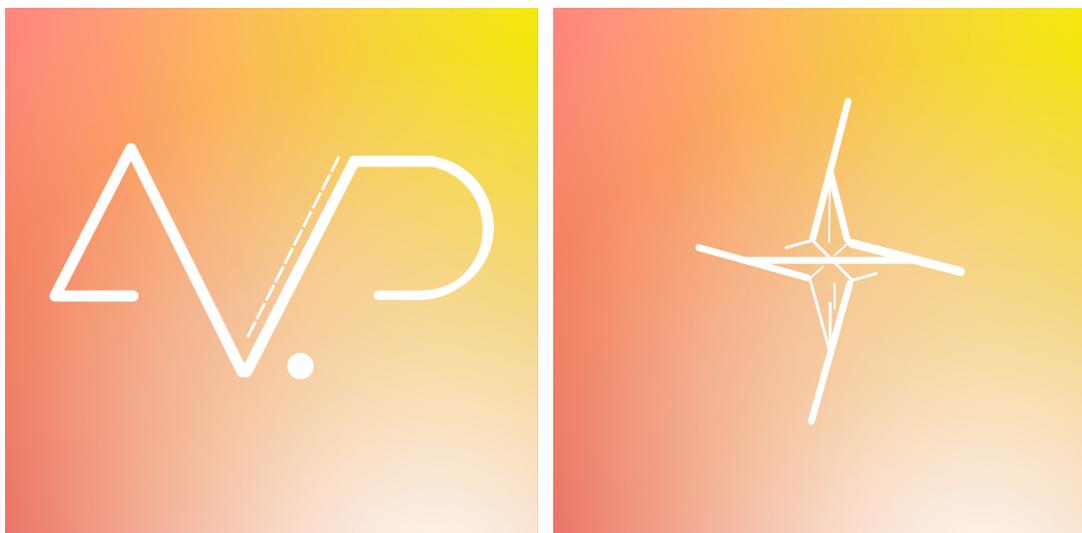


Figura 14 e 15: Logotipo (figura 14) e símbolo que usamos em alguns vídeos (figura 15).

Fonte: Elaboração dos autores

A reportagem possui caráter horizontal, sendo construída através de sessões e abas na plataforma, e subdivididas em:

Rosa dos ventos (Home): A aba inicial busca, logo de cara, trazer as singularidades

da Avenida Paulista, com trechos filmados por todos os dias que estivemos lá, e com depoimentos que ouvimos nesse processo de imersão. O vídeo busca criar um contraste daquilo que se ouve em uma música bastante conhecida (“Não existe amor em SP”), com o que se vê. É essa a narrativa que a reportagem busca apresentar.

Para melhor experiência, é possível você mesmo caminhar pela avenida sem sair de casa. Foi assim o nosso primeiro contato também. O objetivo principal dessa primeira experiência é justamente ambientar e contextualizar o cenário que também será a imersão do leitor. Descendo a barra de rolagem, é possível entender uma prévia do que será visto no trabalho, com pequenos resumos de cada ponto cardinal e a possibilidade de se transportar a esses momentos. Mas a reportagem busca, de alguma forma, conduzir o caminho para que o leitor acompanhe a narrativa escolhida por nós.

Tal narrativa faz sentido na mensagem de desconstrução que queremos passar. Começando pela ideia clichê do que a Paulista até o objetivo principal do trabalho, com as histórias marginalizadas pelas mídias tradicionais. Sendo assim, é importante começar a viagem pelo ponto sul, que cria esse cenário romântico, seguindo para o ponto norte, com o primeiro protagonista e suas escolhas. À frente, a reportagem busca induzir ao ponto oeste, com o encontro do nosso segundo personagem, e desembarca no extremo leste, para conhecer, de fato, a vida na Paulista, por quem vive na pele.

Sul: Nosso pontapé narrativo será a partir da região Sul que, para nós, é a Avenida Paulista da novela das nove. Paisagens estonteantes, felicidade duradoura, poder, pontos turísticos e tudo aquilo de mais nobre que possa existir a ponto de invisibilizar os personagens que ali estão. Pensamos em uma nuvem de palavras para compor a aba, com imagens e vídeos representando o porquê de escolhermos a Avenida para o nosso trabalho, sobre a nossa intenção de desmistificar a Paulista elitizada que ganha as telinhas do brasileiro. A região Sul é o visual, a vida boêmia, luxuosa. Nossa estética é contextualizar o espaço de forma mais estereotipada para que a narrativa de contrastes seja ainda mais forte.

A aba do site traz uma contextualização estética com um vídeo especial, que retrata visualmente todo esse vislumbre da avenida romântica, apaixonante e por aí vai. O material foi editado por nós e conta com filmagens autorais de todos os momentos que enxergamos condizentes com a ideia inicial. No fim, uma ruptura para linkar com o que está por vir. Há, também, uma estruturação gráfica que ilustra algumas palavras chaves nessa narrativa, são

elas: ambição, segregação, grandeza, ordem, movimento, riqueza, luxo, felicidade e poder. Todas, ao passar o mouse, ilustram uma cena da Paulista.

É possível também encontrar outras ambientações visuais desse cenário, propositalmente soltas ali, com áudios e cortes reais, sem edição, para que também não crie uma imagem tão produzida e criteriosamente pensada. Não é esse o nosso objetivo. São vídeos de circunstâncias vividas nesse processo de apuração e, a grande maioria delas, desprezíveis. Ao fim, uma imagem autoral que retrata exatamente o caminho dessa narrativa de quebra, como choque, que especifica a linha de pensamento do trabalho.

Norte: Na região Norte iremos mostrar o multiverso de Batista do Megafone, um lulista caricato que ganha as ruas da capital com seu alto-falante, defendendo a democracia e vendendo camisetas e broches que promovam a resistência e a liberdade. A região Norte para nós é a Paulista política, que é resistente, que acorda cedo e atravessa a cidade atrás de um objetivo pessoal e - literalmente - *bota a boca no trombone* atrás dos seus direitos e deveres. Na aba, iremos disponibilizar a entrevista audiovisual que fizemos com o Batista, além de fotografias e áudios para ambientar o local onde ele se encontra. Todo o conteúdo também terá uma contextualização textual e um vídeo sobre as nossas percepções daquela temática no geral.

A intenção é conhecer a vida do personagem e sua história com o local. A aba gira em torno dessa ideia de usar o Batista como reflexo dessa sociedade brasileira que trabalha duro, é inquieta e usa da sua voz em busca de transformação. Mas, com muito cuidado, é importante ressaltar que Adinaldo Batista é um personagem que tem grandes possibilidades de escolhas em sua vida, trazendo com isso algumas posições de privilégios, que acabam sobressaindo em relação aos nossos seguintes sujeitos. Não é a finalidade desse trabalho essas comparações, mas foi algo definidor e bastante latente nesta narrativa de desmarginalização.

Oeste: Babacar é o personagem principal do nosso terceiro ponto cardeal. Ele representa uma das maiores contextualizações sobre a Paulista que queremos contar. É um artista de rua e vendedor, nascido no Senegal, que encontrou no Brasil, e na Avenida Paulista, uma esperança para uma vida melhor e mais confortável, e um sonho de ajudar a família. Babacar produz máscaras e esculturas de estética africana, que simbolizam alguns deuses e figuras regionais importantes. Nossa entrevista audiovisual legendada com ele será disponibilizada no início, depois de uma contextualização textual sobre o conteúdo e o

personagem. Também acompanhará fotos e ilustrações que representem o nosso personagem e a sua história de vida com a Paulista.

Há também um momento de interação com a história dele, isso com o objetivo de ir além na ideia de conhecê-lo. As histórias contadas, mesmo que não sejam imersas o suficiente por causa do tempo, buscam se aprofundar ao máximo nos gostos e personalidades de cada um, sem se satisfazer com a diegese de vitimização

Leste: O leste e o oeste representam as margens, as bordas e tudo aquilo que está ao redor dos nossos olhos, relegados ou condicionados a inferioridade, ocupando espaços que a sociedade tenta reduzir e ocultar. O título desse trabalho - Muito Além de Norte a Sul - nos orienta para o leste e oeste, onde encontramos de fato os nossos autores. Iniko, nossa protagonista, ganha as páginas do leste mesmo sem ter a sua estética e visualidades reveladas. E então, como representar Iniko e as suas potencialidades em uma única aba de site? Toda a narrativa da aba Leste trará a história da nossa personagem.

Utilizado em nossa reportagem como desembarque, a aba Leste conta, logo de cara, com uma galeria de fotos que busca questionar sobre a Avenida Paulista que achamos conhecer. Além da contextualização básica do assunto, produzimos um perfil jornalístico, em formato de poema, para representar a nossa personagem principal, com fotos e ilustrações possíveis.

A reportagem completa também conta com a produção de duas exposições fotográficas. A primeira delas, intitulada “contrastes”, e a segunda, que pode ser acessada no menu como “retratos”. Saiba mais sobre elas:

Contrastes: Chegar na Avenida Paulista é estar em um meio no qual os contrastes formam as paisagens e orientam o estilo de vida daquela atmosfera efêmera, portanto, nada mais justo do que ter uma galeria repleta de contraposições e resistências dividindo (e invadindo) o mesmo espaço, numa luta tão sutil e banal para aqueles olhos extenuados que virou rotina presenciar pessoas em situação de rua dormindo em frente a edifícios luxuosos e vendedores de pipocas trabalhando ao redor de redes internacionais de fast food, por exemplo. A ideia da galeria de contrastes é mostrar um lado predominante da Avenida Paulista - que mais nos extasiou - e discutir a (a)normalidade absurda que ali habita.

Retratos: Rostos, movimentos, sinfonias corporais, gestos e olhares. O tempo todo fomos atravessados pelo outro e também transpassávamos espaços, registrando em nossa memória fotográfica todos os passos e encontros que a Avenida permitia. Queríamos

representar e eternizar a Paulista das formas mais plurais e democráticas possíveis, por isso decidimos congelar momentos por meio de retratos, trazendo para a nossa reportagem ainda mais atores para compor os nossos pontos cardeais. Os retratos, para nós, servem como forma de aproximação da Paulista com a gente; em um único movimento conseguimos remontar e experienciar novamente a sensação de estar ali, como meros coadjuvantes em um show que mal se sabe quem é o verdadeiro protagonista.

De fato, a Paulista exala movimento e, acometidos por essa correria do dia a dia, muitas trocas ocorreram de forma rápida, em instantes, o que não nos possibilitava a oportunidade de uma entrevista ou relato mais aprofundado, por isso surge a necessidade de construir essa galeria de fotos. Os retratos trazem pequenas descrições de todo o sentimento que aquele contato nos causou e nos arrebatou a ponto de querer eternizar em um clique.

5. Considerações finais

Nosso encanto pela Avenida Paulista iniciou-se muito antes de percorrermos seus mais de dois quilômetros e vai muito além da sua extensão territorial. Sim, a Paulista é um território, é lar, casa e faz morada em seus sujeitos. É impossível passar pela Avenida e não habitar aquele lugar carregado de narrativas e manifestações. Nosso trabalho de campo é uma imersão na potência que aquele espaço social representa para os indivíduos e, nesse caso, indivíduos que dividem o mesmo coletivo mas que transitam constantemente entre a solidão e o caos. O imenso corredor urbano que a Paulista se tornou nos leva a uma pluralidade de sentidos que abarca desde os comportamentos, os olhares, até a indumentária e o modo de andar das pessoas. A Avenida Paulista é uma síntese constante de metamorfoses, de vivências, memórias, passado, presente e futuro. Ao caminhar pelo asfalto, somos atravessados o tempo inteiro pelas construções grandiosas, pelo som dos carros que invade o peito, pelas conversas nas barraquinhas de comida, o cachorro que late, o guarda que apita, a voz que ecoa e que não é ouvida. Em uma Paulista polifônica, nem toda a sua arquitetura humana é, de fato, harmônica. Quantas histórias gritam na Paulista e são abafadas? Quem realmente tem importância naquele lugar onde quase nada tem valor, e sim, preço?

Somos feitos de histórias, e foram elas que nos levaram até a Paulista em busca dos processos criativos existentes em cada esquina. Mapeamos os quatro pontos cardeais para além dos extremos geográficos, fugimos da centralidade da Paulista geniosa e burguesa e

voltamos os nossos olhares para as margens, que, certamente, têm o rosto, o corpo e a voz deste trabalho.

Como futuros jornalistas, aprendemos que não existe um jeito certo de se fazer jornalismo, que a subjetividade pode (e deve!) ser usada como uma ferramenta política para darmos o primeiro passo em tentar devolver a dignidade para aqueles que estão ao nosso redor. E foi assim que aconteceu. E nos tornamos reféns da nossa própria profissão. E, mesmo assim, encontramos jornalismo possíveis e profundos. Mergulhamos nas histórias dos nossos entrevistados com muita gentileza e respeito, de igual pra igual, no meio da rua, sentados no chão, numa travessia de medo e coragem, mas, sobretudo, com foco em tornar o jornalismo um pouco menos indefensável. Bem como disse a jornalista Fabiana Moraes, em seu artigo *Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral*: “esse caminho subjetivo precisa ser discutido, debatido, adensado, é claro. Mas, nos parece, é inescapável: não é possível continuar empregando molduras anacrônicas para dar conta de uma sociedade que também se repensa. Há algo de muito errado em uma prática jornalística que não absorve os movimentos a sua volta em nome de uma “isenção”.

7. Referências Bibliográficas

BACCIN, Alciane Nolibos. **COMO CONTAR HISTÓRIAS? O hipertexto jornalístico na reportagem hipermídia.** Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade da Beira Interior, por meio da Faculdade de Artes e Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 1-324, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158497/001021578.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 6 nov 2021.

BERTOLINI, Jeferson. **JORNALISTA MULTIMÍDIA E MULTITAREFA: O PERFIL CONTEMPORÂNEO DO TRABALHO PRECÁRIO NO JORNALISMO.** Revista Interamericana de Comunicação Midiática. Universidade Federal de Santa Maria. E-ISSN 2175-4977, vol 16, n. 31, p. 213-228, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/16897/pdf>>. Acesso em 17 nov 2021

CANAVILHAS, João. (2013). **Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático.** In Denis Renó, Carolina Campalans, Sandra Ruiz e Vicente Gosciola, Periodismo Transmedia: miradas múltiples, pp. 53-68, Bogotá: Editorial Universidad del Rosario (ISBN 978-958-738-388-1). Disponível em <<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4347/1/jornalismotransmedia.pdf>>. Acesso em 20 de mai de 2022

CANAVILHAS, João; BACCIN, Alciane Nolibos. **Contextualização de reportagens hipermídia: narrativa hipermídia e imersão.** Brazilian Journalism Research, 11(1), 10–27, vol 1, nº1, 2015. Disponível: <<https://doi.org/10.25200/BJR.v11n1.2015.716>>.

_____, João Messias. **Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web.** In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo. Jornalismo Online. Covilhã: Universidade Beira Interior, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10786/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20I%20VODANTAS.pdf>>. Acesso em 15 nov 2021.

CAVALCANTI, Ivo Henrique F. de A. Dantas, **O WEBJORNALISMO E SUAS POTENCIALIDADES: Um estudo de caso do portal NE10**. Dissertação (Mestre em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2013, p. 1-146.

Disponível em:
<<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10786/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20I VODANTAS.pdf>>. Acesso em 15 nov 2021

CORDEIRO, William Robson. **NO JORNALISMO IMERSIVO, O INFOGRÁFICO É HIPER**. Revista Líbero - Casper Líbero. 2018. Disponível em:
<<https://revistalibero.casperlibero.edu.br/sem-categoria/no-jornalismo-imersivo-o-infografico-e-hiper/>>. Acesso em 22 nov 2021.

DANTAS, Ivo; ROCHA, Heitor. **Webjornalismo: dos portais às redes sociais**. Intercom– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2016. Disponível em:
<<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2705-1.pdf>>. Acesso em 15 nov 2021

FECHINE, Yvana. **Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo**. In: Maria Immacolata Vassallo de Lopes (org). Estratégias de transmidiação na ficção televisiva brasileira. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FERRON, Verônica. **As sete características do Webjornalismo**. In: As sete características do Webjornalismo. Medium, 18 out. 2018. Disponível em:
<https://medium.com/@veronicaferron/as-sete-caracter%C3%ADsticas-do-webjornalismo-1fb0f2753607>. Acesso em: 22 nov. 2021.

JENKINS, Henry. *Convergence Culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press. 2006. Tradução nossa

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Editora Aleph , página 44, 2009.

LONGHI, Raquel Ritter; FLORES, Ana Marta M. **Narrativas webjornalísticas como elemento de inovação: casos de Al Jazeera, Folha de S.Paulo, The Guardian, The New York Times e The Washington Post**. Intercom - RBCC. São Paulo, v.40, n.1, p.21-40, jan/abr, 2017. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/interc/a/HK4MQMjP7rkckY7XTzvxcJQ/?lang=pt&format=pdf>>.

Acesso em 9 nov 2021

MARIN, Tiago Rodrigo. **A cidade na Avenida: A poética urbana da Avenida Paulista pelo olhar dos artistas que nela trabalham.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-14022012-020307/publico/acidade_naavenida.pdf>. Acesso em 2 out 2021

_____, Tiago Rodrigo et al. **A arte como trabalho na Avenida Paulista.** Mnemosine Vol.7, nº2, p. 134-165, 2011. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41480/28749>>.

Acesso em 30 set 2021

MORAES, Fabiana. **Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral.** Extraprensa, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204 – 219, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247/155192>>. Acesso em 17 out 2022

MURAD, Angèle. **Oportunidades e desafios para o Jornalismo na internet.** Ciber Legenda. Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Fluminense. Volume 2. Ano 1999. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36749>>. Acesso em 15 out 2022

PANIZA, Maurício Donavan Rodrigues. **AVENIDA PAULISTA: DE POUCOS A TODOS.** Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, volume 7, n. 18, p. 17-19, abril, 2020.

PASSARELLI, Gaia. **Avenida Paulista, a história da via que é o coração de São Paulo,** 2018. História da Avenida Paulista. Portal 360 Meridianos. Publicado em 17 set 2018 e atualizado em 29 jun 2022. Disponível em <<https://www.360meridianos.com/especial/historia-da-avenida-paulista>> Acesso em 10 out 2022.

PORTO-RENÓ D., Versuti, A. C., Moraes-Gonçalves, E., Gosciola, V. Diciembre de 2011. **Narrativas transmídia: diversidade social, discursiva e comunicacional.** Palabra Clave 14 (2), p. 201-215.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** . São Paulo: Paulus, 2004. Disponível em: <<http://ria.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/1261>>. Acesso em 23 nov 2021

SIMMEL, Georg. A Sociabilidade. In: _____. **Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006, p. 59-65.

SOUSA, Nayara e CONDE, Mariana. **JORNALISMO MULTIPLATAFORMA COMO ESTRATÉGIA DE CONSUMO DIGITAL: uma análise do Zero Hora.** Congresso Internacional de Ciberjornalismo - CIBERJOR8, Campo Grande (MS), 2017, p. 2.

STEFANI, Eduardo Baider; SHIBAKI, Viviane Veiga. **Atrativo turístico e centralidade cultural: a territorialidade da Avenida Paulista.** Revista bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona ISSN: 1138-9796. Depósito Legal: B. 21.742-98. Vol. 15 , nº 879, 5 de julho de 2010.